



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS
MBA EM ESTUDOS ESTRATÉGICOS E RELAÇÕES
INTERNACIONAIS



LIANA ARDUINO DE MAGALHÃES

Música e Diplomacia de Defesa
O caso do Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil (2004-2024)

Niterói, RJ
2024

LIANA ARDUINO DE MAGALHÃES

Música e Diplomacia de Defesa: o caso do Corpo de Fuzileiros Navais da
Marinha do Brasil (2004-2024)

Trabalho de conclusão de curso de MBA
apresentado ao Instituto de Estudos
Estratégicos da Universidade Federal
Fluminense (UFF), com parceria ao Centro de
Instrução Sylvio de Camargo (CIASC) –
Corpo de Fuzileiros Navais (CFN), Marinha
do Brasil (MB) – como requisito parcial para
obtenção de título de MBA em Relações
Internacionais e Estudos Estratégicos.

Orientador: Prof. Dr. Thomas Ferdinand Heye

Niterói, RJ
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS
MBA EM ESTUDOS ESTRATÉGICOS E RELAÇÕES
INTERNACIONAIS



Folha de Aprovação de Trabalho de Conclusão de Curso em Estudos Estratégicos e Relações Internacionais (Monografia)

Título do Trabalho: Música e Diplomacia de Defesa: o caso do Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil (2004-2024)

Aluna: Liana Arduino de Magalhães

Avaliadores:

Prof. Dr. Thomas Ferdinand Heye - Orientador

Prof. Dr. Eduardo Heleno de Jesus - Leitor

Nota 1	
Nota 2	
Total	

Niterói, RJ
2024

Agradecimentos

Ao Sr. Almirante-de-Esquadra (FN) Carlos Chagas Vianna Braga, Comandante Geral do Corpo de Fuzileiros Navais, meu profundo agradecimento pelo apoio irrestrito e pelo incentivo para a produção deste trabalho. Sua confiança em atribuir-me a responsabilidade de abordar o papel das Bandas Marcial e Sinfônica do CFN dentro do contexto dos Estudos Estratégicos e Relações Internacionais foi fundamental para a realização desta monografia. Sua liderança visionária não apenas enaltece o papel da música nas Forças Armadas, mas também promove a relevância cultural e diplomática das nossas tradições musicais.

Ao Professor Dr. Vinicius Mariano de Carvalho, cuja generosidade e expertise foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço pelas ideias, materiais, críticas construtivas e orientações precisas que enriqueceram este estudo. Apesar das múltiplas responsabilidades e da diferença de fuso horário, sempre dedicou tempo para me orientar, pelo que sou profundamente grata.

Ao meu orientador, Professor Dr. Thomas Ferdinand Heye, cuja sabedoria e orientação foram pilares essenciais ao longo de todo o desenvolvimento deste projeto. Sua disposição em aceitar o desafio de orientar um estudo que explora a interseção entre música e Estudos Estratégicos e Relações Internacionais foi de suma importância para o sucesso desta pesquisa.

Aos professores do MBA em Estudos Estratégicos e Relações Internacionais da UFF, pelos valiosos ensinamentos transmitidos em sala de aula. Em especial, ao Professor Dr. Eduardo Heleno, coordenador do curso, pelos comentários e orientações que contribuíram significativamente para o aprimoramento deste trabalho.

Ao meu marido e historiador, Alexandre Batista Alencar, pelo incansável apoio, pelas discussões enriquecedoras e pelas inúmeras revisões desta pesquisa. Sem a sua ajuda, a realização deste trabalho teria sido consideravelmente mais difícil.

Aos meus queridos amigos, suboficiais e sargentos das Bandas Marcial e Sinfônica do CFN, que sempre se mostraram dispostos a ajudar e esclarecer dúvidas sobre os eventos das bandas. Vocês são pessoas especiais e é com grande orgulho que lembro o tempo em que servimos juntos na Companhia de Bandas do Batalhão Naval. ADSUMUS.

Resumo

A presente monografia explora o papel da música como uma ferramenta da Diplomacia de Defesa, com foco nas atividades das Bandas Sinfônica e Marcial do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) da Marinha do Brasil (MB). O estudo explora o conceito de Diplomacia de Defesa e sua interseção com a música, além de traçar as origens e a evolução histórica dessas bandas, ressaltando seu vulto e sua relevância para a Força. A pesquisa abrange a participação das bandas em eventos internacionais e nacionais de caráter diplomático-militar entre 2004 e 2024, investigando como essas apresentações contribuem para a Diplomacia de Defesa e para a projeção da imagem do Brasil como um ator global. Por meio de uma análise detalhada de eventos específicos, o estudo destaca o potencial da música militar para fortalecer as relações internacionais e sugere o uso estratégico dessas bandas pelo Ministério da Defesa como um instrumento eficaz na consecução dos objetivos da Política Externa brasileira.

Palavras-chave: Música, Diplomacia de Defesa, Corpo de Fuzileiros Navais, Bandas militares, Relações Internacionais.

Abstract

This monograph explores the role of music as a tool of Defense Diplomacy, focusing on the activities of the Symphonic and Martial Bands of the Brazilian Navy's Marine Corps (CFN). The study examines the concept of Defense Diplomacy and its intersection with music, as well as tracing the origins and historical evolution of these bands, highlighting their significance and relevance to the Force. The research covers the participation of the bands in international and national diplomatic-military events between 2004 and 2024, investigating how these performances contribute to Defense Diplomacy and the projection of Brazil's image as a global actor. Through a detailed analysis of specific events, the study emphasizes the potential of military music to strengthen international relations and suggests the strategic use of these bands by the Ministry of Defense as an effective instrument in achieving the objectives of Brazilian Foreign Policy.

Key-words: Music, Defense Diplomacy, Corpo de Fuzileiros Navais, Military bands, International Relations

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo I – Andante Moderato	13
1. Prólogo.....	13
1.1 Diplomacia.....	13
1.2 Diplomacia de Defesa	14
1.3 Soft Power e Diplomacia de Defesa	19
1.4 Música como diplomacia	20
Capítulo II – Da Capo al Fine	23
2. Prelúdio	23
2.1 A Música Militar.....	23
2.2 Breve Histórico das Bandas do CFN	24
2.3 A Música no CFN	29
2.4 Companhia de Bandas do Batalhão Naval.....	31
2.5 Banda Marcial	32
2.6 Banda Sinfônica	33
Capítulo III – In Concert.....	35
3. Eventos internacionais	35
3.1 1º Festival Internacional da Cultura das Três Fronteiras: Banda Sinfônica.	35
3.2 Desfile cívico-militar em comemoração à Revolução Francesa - Ano do Brasil na França: Banda Marcial.....	37
3.3 Comemoração dos 60 anos da criação do Estado de Israel: Banda Híbrida.....	39
3.4 Le Festival Interceltique de Lorient: Banda Marcial	41
3.5 The Royal Edinburg Military Tattoo - 2011: Banda Marcial	42
3.6 Assinatura do protocolo de intenções do EDGE Group (UAE) com o Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil: Banda Sinfônica.....	44
3.7 IV Simpósio do Corpo de Fuzileiros Navais: Banda Sinfônica.....	46
3.8 Comemoração aos 216 anos do Corpo de Fuzileiros Navais – Concerto da Banda Sinfônica do CFN.	48
3.9 Coda	49
Gran Finale.....	51
BIBLIOGRAFIA	53
ANEXO A.....	57
ANEXO B.....	58
ANEXO C	60
ANEXO D.....	61
ANEXO E	63

Lista de Figuras

Fig. 1 - Foto da Banda de Música do Regimento de Fuzileiros Navais em 1926.....	26
Fig. 2- Foto da Revista Brasil Musical	27
Fig. 3 - Decreto Nº 62.683 - 10 de maio de 1968	28
Fig. 4 - Disciplinas do curso de aperfeiçoamento dos músicos militares do CFN	29
Fig. 5 - Dispositivo para as formaturas das Bandas de Música Tipo IV	30
Fig. 6 - Marco Zero – Recife – PE, 19/08/2023.....	33
Fig. 7 - Apresentação da Banda Sinfônica do CFN na Sala São Paulo em 2023	34
Fig. 8 - A Banda Marcial na Champs-Élysées e em frente a Torre Eiffel	39
Fig. 9 - As bandas militares participantes formam a Estrela de Davi.....	41
Fig. 10 - Banda Marcial do CFN em apresentação com o músico Carlos Nuñez e com a banda de Gaitas da Marinha da França.....	42
Fig. 11 - Foto oficial do evento com a Banda Marcial ao centro.....	44
Fig. 12 - Apresentação da Banda Sinfônica na Fortaleza de São José em 27/09/2023	46
Fig. 13 - Apresentação da Banda Sinfônica do CFN no IV Simpósio do CFN.....	48
Fig. 14 - Concerto alusivo aos 216º anos do Corpo de Fuzileiros Navais no Theatro Municipal - RJ.....	49

Lista de siglas

BNRJ – Base Naval do Rio de Janeiro

BtlNav – Batalhão Naval

CIAA – Centro de Instrução Almirante Alexandrino

CIAGA – Centro de Instrução Almirante Graça Aranha

CIASC – Centro de Instrução Sylvio de Camargo

CFN – Corpo de Fuzileiros Navais

GptFNRJ – Grupamento de Fuzileiros Navais do Rio de Janeiro

CMG – Capitão de Mar e Guerra

IDF – Israel Defense Force

FFAA – Forças Armadas

FN – Fuzileiro Naval

MB – Marinha do Brasil

MD – Ministério da Defesa

OM – Organização Militar

PROFESP – Programa Forças no Esporte

PROSUB – Programa de Desenvolvimento de Submarinos

SG-FN-MU – Sargento Fuzileiro Naval Músico

SO-FN-CT – Suboficial Fuzileiro Naval Corneta e Tambor

EN – Escola Naval

UAE – United Arab Emirates

Introdução

Esta pesquisa tem o objetivo de analisar o papel das Bandas Sinfônica e Marcial do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) como instrumentos de Diplomacia de Defesa nas Relações Internacionais. Para tanto, o foco concentra-se nas apresentações musicais para delegações estrangeiras, tanto no Brasil quanto no exterior. Essas performances geram um impacto positivo nos convidados, não apenas pela alta qualidade técnica dos músicos, mas também devido ao repertório apresentado, que consiste, principalmente, em músicas brasileiras com a inclusão de uma ou duas músicas do país homenageado. Tal prática é bem recebida pelos convidados, resulta em empatia e no fortalecimento dos laços de amizade entre as nações envolvidas (Dubois, 2014, p. 1). Portanto, pode-se afirmar que as Bandas do CFN utilizam a música como uma ferramenta diplomática em suas interações com outros Estados no cenário internacional.

O método científico empregado na condução desta pesquisa é de estudo de caso, que “consiste em uma investigação minuciosa de uma ou mais organizações ou grupos, visando prover uma análise do conjunto e dos processos envolvidos no fato analisado” (Mendonça, 2014, p.55). Para contextualizar a origem e evolução das bandas até sua formação atual, foram utilizados materiais bibliográficos históricos, bem como documentos institucionais, fotos, relatórios e manuais.

O presente estudo se revela particularmente relevante tanto para o meio acadêmico quanto para o Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) da Marinha do Brasil (MB), dado que, apesar da vasta literatura existente sobre Diplomacia de Defesa e o uso da música como instrumento de diplomacia cultural, a interseção entre música e Diplomacia de Defesa ainda é um tema pouco explorado. Grande parte dos estudos disponíveis aborda a música principalmente como uma ferramenta de diplomacia cultural. Nesse sentido, esta pesquisa oferece uma contribuição inovadora ao campo, ao destacar um aspecto pouco investigado da diplomacia internacional, e promovendo uma nova perspectiva sobre o uso da música na esfera da defesa.

Durante a pesquisa, foi necessário traçar uma linha do tempo para acompanhar a evolução dessas duas bandas, uma vez que, até o momento, verificou-se uma escassez de material disponível que detalhe sua história. Embora se saiba que as bandas do CFN tenham suas origens com a chegada da Família Real em 1808, quando desembarcaram músicos e tambores, cornetas e pífaros da Banda da Brigada Real da Marinha Portuguesa (Rosa, 2020,

p. 28), há uma necessidade de esclarecimentos sobre como essas bandas evoluíram até alcançar as denominações e formações atuais.

Atualmente, no CFN, existem várias bandas distribuídas em todos os Distritos Navais do País, assim como em algumas Organizações Militares (OM) no Rio de Janeiro que atuam, principalmente, nas recepções de autoridades e cerimônias militares (BRASIL, 2008c, p. 12-3). Além dessas, há a Banda Sinfônica do CFN, uma banda de concerto que normalmente apresenta-se em teatros e eventos mais solenes. Essas bandas são constituídas por músicos concursados que ingressam na Força na graduação de terceiro-sargento. Já a Banda Marcial do CFN, na qual os executantes tocam marchando e formam figuras e letras, é composta por militares da especialidade de Corneta e Tambor – ingressam na Força como soldados e quando do concurso para ascender à graduação de Cabo, realizam um Teste de Habilidade Específica na Corneta para verificar se possuem aptidão para desempenharem suas funções nessa especialidade.

Apesar de o objeto do estudo ser as Bandas Sinfônica e Marcial do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN), devido à sua relevância dentro da Instituição e à sua considerável dimensão, com uma média de 120 componentes cada, bem como a sua atuação direta em eventos institucionais ligados a comitivas estrangeiras, é importante mencionar a existência de outros grupos musicais. Entre eles estão o Conjunto Fuzibossa, a Big Band Fuzishow, criada em 2020, e o Quinteto de Sopros do CFN. Todas essas formações integram a Companhia de Bandas do Batalhão Naval, juntamente com as Bandas Sinfônica, Marcial e a Banda de Música, que na Marinha são denominadas de tipo III (28 músicos) ou tipo IV (23 músicos), em função dos seus efetivos (BRASIL, 2008b, pp. 12-1 e 2). Esses grupos desempenham papéis distintos e complementares, contribuindo para a diversidade e riqueza da expressão musical no contexto das atividades do CFN. No entanto, o foco da pesquisa permanece nas Bandas Sinfônica e Marcial, devido à sua relevância e proeminência para a Força.

Este trabalho organiza-se em três capítulos. No primeiro capítulo abordarei o conceito de Diplomacia de Defesa por diferentes autores. Tais autores, de certa forma, corroboram, em suas pesquisas, na definição do tema como apresentado por Pereira (2021):

Conjunto de ações não coercitivas, executadas em tempo de paz por integrantes civis e militares da Defesa no âmbito das relações internacionais. Elas visariam à consecução de objetivos nacionais nos campos da segurança, da promoção da paz e da ajuda humanitária. Tudo em consonância com a Política Externa, da qual faz parte, e com base na cooperação bilateral e multilateral, no estabelecimento da confiança

mútua e na construção de relacionamentos e influência (Pereira, 2021, p. 20).

Embora o termo Diplomacia de Defesa apareça pela primeira vez após a Guerra Fria, a prática já ocorria anteriormente, como Pereira constata: “A Diplomacia de Defesa não é recente, mas é nova como conceito, o qual surgiu ao fim da Guerra Fria (inicialmente em documentos oficiais do Reino Unido e da China)” (Pereira, 2021, p. 25). Abordarei também quais são as ações mais comumente utilizadas para a Diplomacia de Defesa, segundo os autores, e qual sua importância para a política externa dos Estados.

No próximo capítulo, será realizada uma breve explanação sobre música militar, seguida de um levantamento histórico dos objetos de estudo, a fim de verificar suas origens e evolução até os dias atuais. Além disso, será discutido como a música é abordada no Corpo de Fuzileiros Navais (CFN), detalhando o processo seletivo de ingresso dos músicos, que poderão compor a Banda Sinfônica, bem como dos militares especializados em corneta e tambor que integram a Banda Marcial. Por fim, o que compreende cada uma dessas bandas, suas características e diferenças.

O recorte temporal proposto abrange o período de 2004 a 2024. A escolha desse intervalo se justifica pela participação da Banda em um concerto na Argentina em 2004, após um longo período sem apresentações internacionais, e o primeiro registro de uma apresentação da Banda Marcial no exterior, ocorrido em 2005, até o presente momento.

No terceiro capítulo, será realizada uma revisão de todos os eventos das bandas, no período entre os anos de 2004 a 2024, no que for atinente às visitas de comitivas estrangeiras e às apresentações no exterior. A partir dessa seleção, cada evento será examinado com a verificação do repertório apresentado, do público presente e como essas apresentações dialogam com o conceito de Diplomacia de Defesa.

A partir dessa análise, o trabalho pretende responder as seguintes questões: As Bandas Sinfônica e Marcial, em face da Diplomacia de Defesa, contribuem para alcançar os objetivos da Política Externa Brasileira? Nesse sentido, de que maneira podem ser mais bem empregadas?

Capítulo I – Andante Moderato

1. Prólogo

Este primeiro capítulo explora o conceito, os objetivos, a importância e os desafios da Diplomacia de Defesa no contexto contemporâneo das Relações Internacionais e dos Estudos Estratégicos. Inicialmente, faz-se uma breve reflexão sobre o conceito de diplomacia, origem das práticas diplomáticas e sua expansão. Em seguida, há o detalhamento da conceituação da Diplomacia de Defesa e uma sucinta explanação sobre *Soft Power*. Por fim, o estudo aborda como a música pode ser considerada uma prática a ser explorada no âmbito diplomático.

1.1 Diplomacia

A manifestação mais rudimentar da prática diplomática remonta a tribos ou grupos primitivos quando do envio de um emissário a outra tribo para transmitir uma mensagem ou obter informações, e assim, considera-se o início da condução pacífica nas relações entre as sociedades humanas. Com o decorrer do tempo, tais práticas evoluíram significativamente, como o surgimento das embaixadas residentes na Itália do século XV que inicialmente se propagaram pela Europa e, a partir do século XIX, adquiriram caráter global. Este desenvolvimento culminou na Convenção de Viena sobre Relações Diplomáticas, em 1961, a qual estabeleceu um conjunto de normas claras e universalmente aceitas que regem a prática diplomática, além de assegurar direitos e privilégios aos diplomatas e promover a estabilidade nas relações internacionais (Bull, 2002).

A diplomacia pode ser entendida como uma prática fundamental para evitar conflitos e manter a paz no sistema internacional. Em uma perspectiva abrangente, Hedley Bull (2002) a descreve como “a gestão das relações entre os Estados e outras entidades da política mundial, por meios pacíficos e com o uso de agentes oficiais” (Bull, 2002, p.187). Sugere, então, que a prática diplomática transcende a exclusividade dos diplomatas, podendo ser efetivada por outros agentes oficialmente designados pelo Estado, deste modo, há uma diversidade de ações com o mesmo propósito. Ademais, o autor destaca a conexão intrínseca entre diplomacia e política externa dos Estados, salientando que os interesses nacionais devam ser alcançados por meio dessas práticas. Logo, o principal objetivo da diplomacia é por meio da negociação e do diálogo, evitar o uso da força, promover a cooperação entre Estados e assegurar os interesses nacionais na arena política mundial.

Verifica-se, com o aumento da abrangência e da profundidade dos temas que integram o diálogo diplomático, a expansão das diplomacias setoriais, conduzidas por outros órgãos governamentais que estabelecem contatos diretos com seus correspondentes em outros países ou com outras entidades que atuam na política mundial. Pode-se afirmar que essa interação foi facilitada pelo avanço tecnológico dos meios de comunicações. Nessa perspectiva, dentre as diplomacias setoriais, a realizada no âmbito dos ministérios da Defesa, possuem, portanto, grande relevância no cenário internacional e é denominada Diplomacia de Defesa ou Diplomacia Militar (Silva, 2014, p.46).

1.2 Diplomacia de Defesa

A Diplomacia de Defesa tem se consolidado como um elemento significativo na busca pela manutenção da paz e segurança internacional, procura promover a cooperação entre Estados e fortalecer as capacidades nacionais (Pereira, 2021, p. 22).

A expressão "diplomacia militar", que atualmente foi substituída pela designação mais ampla de "diplomacia de defesa", esteve sempre, e principalmente, associada ao papel do Adido Militar. Este, no contexto de uma Embaixada, é um "diplomata em uniforme" com estatuto e privilégios diplomáticos. Tradicionalmente, sua missão consistia em observar e avaliar os desenvolvimentos militares no país estrangeiro, além de manter um relacionamento próximo com a elite militar local. Esta prática, que surgiu no século XIX como parte da diplomacia europeia, permaneceu praticamente inalterada até aproximadamente a década de 1990. Nas últimas duas décadas, contudo, registrou-se uma crescente tendência, especialmente entre as democracias ocidentais, para utilizar os Ministérios da Defesa e as Forças Armadas como meios de estabelecer e consolidar relações de cooperação com outros Estados. Isso incluía não apenas os antigos quadros de cooperação entre aliados, mas também ações de cooperação com novos parceiros e o envolvimento com Estados em transição democrática pós-conflito. O conceito de Diplomacia de Defesa surge quando a diplomacia militar deixa de ser exclusivamente militar e passa a contemplar outras dimensões, - política, econômica e social – assumindo um papel relevante na política externa (Penedos, 2014, pp.44-45).

Nesse contexto, entende-se que a Diplomacia de Defesa é mais ampla do que as relações puramente militares, geralmente chamadas de diplomacia militar, que se referem ao conjunto de práticas sociais específicas de agentes oficiais para gerenciar as relações não coercitivas no campo militar entre Estados e outras entidades que atuam na política

internacional. A diplomacia militar e a diplomacia naval estão inseridas no âmbito da Diplomacia de Defesa, “as quais são restritas a segmentos e/ou ações específicas” (Pereira, 2021, p.21)

A Diplomacia de Defesa abrange aspectos e tarefas que vão além das questões técnico-militares, incluindo temas políticos estratégicos, ajuda humanitária e desenvolvimento. Portanto, ela incorpora também uma dimensão não essencialmente militar, relacionada à segurança. Os agentes civis e militares dos ministérios da Defesa participam de negociações e da elaboração de acordos e mecanismos relacionados com segurança e defesa. Muitas vezes, sua atuação ultrapassa o caráter meramente militar, abrangendo processos políticos, econômicos e sociais, muito próximos da abordagem dos diplomatas. A dimensão da defesa tornou-se um importante instrumento de negociação, tanto bilateral quanto multilateral, no panorama internacional. (Silva, 2014, p.98).

Pereira (2021) defende que a Diplomacia de Defesa é um instrumento essencial para a prevenção de conflitos e a manutenção da paz que busca atuar em diversos segmentos e por meio de inúmeros instrumentos. A Diplomacia de Defesa é “uma ferramenta multifacetada e na qual não existe uma divisão hermética entre os seus instrumentos, pois vários deles permitem proporcionar resultados concomitantes em campos distintos” (Pereira, 2021, p. 22). O autor ressalta ainda que um dos principais campos de atuação da Diplomacia de Defesa é o estabelecimento da confiança mútua entre os Estados.

O conceito de Diplomacia de Defesa emerge, principalmente, no período Pós-Guerra Fria, normalmente relacionada com a ideia de uma “nova” diplomacia. Observa-se uma mudança significativa na nova percepção de segurança, adotando-se uma visão mais abrangente quanto ao papel das forças armadas na política de defesa e na segurança coletiva (Silva, 2014, p.88). Dessa forma, os setores de Defesa precisaram se adaptar e se reorganizar para assumirem tarefas que não envolviam os tradicionais conflitos interestatais, baseados na crença de que os recursos militares poderiam ser utilizados em outras atividades não coercitivas, auxiliando em questões políticas, econômicas e sociais. (Silva, 2014, p. 124). Penedos (2014) afirma que a maior mudança em relação à alteração mundial após a Guerra Fria, acontece na Diplomacia de Defesa. Assim, abriu-se um novo espaço para a atuação de todos os agentes civis e militares dos Ministérios da Defesa e Forças Armadas, e não mais somente a dos Adidos Militares (Penedos, 2014, p. 25).

A expressão Diplomacia de Defesa foi mencionada, como um termo oficial, pela primeira vez, na "Strategic Defence Review" (SDR) do Reino Unido em 1998, como a

incorporação de uma nova missão para as Forças Armadas, contribuindo para os objetivos de política externa, e esta descrita conforme o trecho a seguir:

Fornecer forças para atender às diversas atividades empreendidas pelo Ministério da Defesa para dissipar a hostilidade, construir e manter confiança e ajudar no desenvolvimento de forças armadas democraticamente responsáveis (dando assim um contributo significativo para a prevenção e resolução de conflitos)¹ (SDR, 1998, p.22).

A Diplomacia de Defesa, por conseguinte, pode ser entendida como um conjunto de práticas sociais específicas, por agentes oficiais, para construir e reproduzir as relações não coercitivas no âmbito da Defesa entre os Estados e outras entidades que atuam na política internacional, as quais foram ampliadas, principalmente, após a Guerra Fria. Sua existência está relacionada com os instrumentos de força, o emprego não violento de meios e recursos militares pelo Ministério da Defesa (MD). Cabe ressaltar que o termo “Defesa” foi incorporado na denominação desses ministérios, quando da centralização das instituições militares (Silva, 2014, p.98). No Brasil, o Ministério da Defesa foi instituído em 1999 pelo então Presidente Fernando Henrique Cardoso. Esse marco histórico ocorreu quando os Ministérios da Marinha, do Exército e da Aeronáutica foram extintos, sendo consolidados sob uma única autoridade civil. A criação do Ministério da Defesa, portanto, teve como objetivo principal coordenar e integrar as Forças Armadas. Conforme consta no sítio do Governo Federal:

O Ministério da Defesa foi criado em 10 de junho de 1999 para coordenar o esforço integrado de defesa, de modo a contribuir para a garantia da soberania, dos poderes constitucionais, da lei e da ordem, do patrimônio nacional, a salvaguarda dos interesses nacionais e o incremento da inserção do Brasil no cenário internacional (Brasil, 2022).

Inicialmente, esses ministérios militares eram conhecidos como "Ministérios da Guerra²". No entanto, com a restrição do uso do termo "guerra" na Carta das Nações Unidas, que utiliza expressões como "uso da força" ou "ameaça à paz" para descrever ações militares, esses ministérios passaram a ser intitulados "Ministérios da Defesa" (Silva, 2014, p.98). Barkawi (2011) reforça esse argumento, afirmando que "a mudança de nome teve a ver com a política de legitimar o uso da força no mundo ocidental" (Barkawi, 2011, p.597).

Lima (2010) sugere que o estabelecimento do Ministério da Defesa (MD) no Brasil teve como principal objetivo o controle civil sobre os militares, reduzindo a autonomia e a

¹ Defence Diplomacy: To provide forces to meet the varied activities undertaken by the Ministry of Defence to dispel hostility, build and maintain trust, and assist in the development of democratically accountable armed forces (thereby making a significant contribution to conflict prevention and resolution).

² No Brasil, o Ministério da Guerra existiu no período compreendido entre 1891 até 1967 (Brasil, 2013, p.6).

consequente autonomia de cada uma das Forças Armadas nas decisões internas e no uso dos meios de defesa, pois existia um ministério para cada Força. Todavia, tais ajustes estruturais e mudanças institucionais foram amplamente recomendados pelas agências internacionais aos países latino-americanos naquela época (Lima, 2010, p. 409).

Em que pese a cooperação militar ser um componente da Diplomacia de Defesa, esta não se restringe somente àquela. Por ser considerada uma Diplomacia de Defesa, ela é mais abrangente, já que possui em seu escopo o conflito de ideias e as discordâncias, as quais implicam na existência de um diálogo diplomático específico (Silva, 2014, p.97). A Diplomacia de Defesa concorre para estabelecer uma relação de confiança e para o desenvolvimento de níveis essenciais de tolerância na atual sociedade. Contudo, seu objetivo final não é apenas promover a cooperação como um bem universal, mas formar parcerias que atendam aos interesses internos dos Estados parceiros (Penedos, 2014, p.51). Os objetivos e os interesses nacionais de cada Estado são, normalmente, diferentes, refletindo, assim nos meios e nas formas como a Diplomacia de Defesa será utilizada para atingir seus objetivos. A Diplomacia de Defesa não opera de maneira independente, mas integra uma engrenagem maior e coordenada. Por isso, deve atender aos objetivos nacionais em suas áreas de atuação e estar alinhada com as diretrizes estabelecidas na Política Externa (Pereira, 2021, p.21).

A Diplomacia de Defesa busca atuar em diversos campos e por meio de inúmeros instrumentos como: contatos bilaterais e multilaterais entre altos representantes civis e chefias militares; nomeação de adidos de defesa em países estrangeiros; acordos bilaterais de cooperação de defesa; treinamento de militares estrangeiros e pessoal civil da defesa; assessoria técnica militar e aconselhamento nas áreas do controle democrático das Forças Armadas e da gestão de defesa; contatos e intercâmbios entre pessoal militar e unidades, e visitas de navios; colocação de militares ou pessoal civil nos Ministérios da Defesa ou Forças Armadas dos países parceiros; destacamento de equipes de formação e treino; fornecimento de material militar e apoio humanitário; exercícios militares bilaterais ou multilaterais para efeitos de adestramento (Penedos, 2014, p.48). Pereira (2021) alega que existem outros campos de atuação da Diplomacia de Defesa que incluem o “reparo e/ou melhoria da imagem do País e das FFAA no exterior e explorar oportunidades da Política Externa” (Pereira, 2021, p. 25).

Ainda nesse contexto, Pereira (2021) sugere que:

A Diplomacia de Defesa permite tanto a obtenção de capacidades como a difusão da credibilidade por intermédio da realização de intercâmbios, visitas de autoridades, participação em manobras e operações, execução de demonstrações (como de armamentos e unidades) e mesmo na

divulgação de fatos históricos (portadores de mensagens) (PEREIRA, 2021, p. 23).

Para Penedos (2014), as visitas de navios permanecem a forma mais basilar da atividade da Diplomacia de Defesa e podem ser, muitas vezes, a primeira missão de estabelecimento de contato de defesa. A Marinha do Brasil envia seus navios a portos estrangeiros como uma das formas de emprego do Poder Naval em tempo de paz. Esse emprego, para o apoio à política externa, é uma atribuição contida na Estratégia Nacional de Defesa (END) e integra a missão da MB³. Tal apoio consiste na “diplomacia naval”, que quando bem empregada, tem a capacidade de influir na opinião de um povo e de chefes de Estados, “reforçar laços de amizade, garantir acordos e alianças e demonstrar intenções em áreas de interesse comum, contribuindo para a adoção de ações favoráveis e dissuadindo desfavoráveis” (Brasil, 2017, p. 5-1).

Existe, ainda, uma cultura e um pensamento militar, baseados em crenças, normas e regras, que facilitam o diálogo entre militares de diversos países e contribuem para as práticas bilaterais e/ou multilaterais que compõem a Diplomacia de Defesa e o apoio à Política Externa. (Silva, 2014, pp.121-123). Em termos gerais, as Forças Armadas globalmente compartilham formas institucionais análogas, burocraticamente organizadas, constituídas de oficiais remunerados e a legitimação do uso da força pelo Estado. Estas Forças estão estruturadas na disciplina e hierarquia, sendo organizadas predominantemente nos três domínios do campo de batalha – marítimo, terrestre e aéreo. Tal similaridade facilita suas interações recíprocas, tornando viável que um militar treinado em um país atue eficazmente em outro (Barkawi, 2011, p.600).

A Diplomacia de Defesa, como apresentado, é um conceito multifacetado que vai além das simples relações militares entre Estados. Ela incorpora elementos de cooperação política, econômica e social, utilizando as Forças Armadas como instrumentos de política externa para promover a estabilidade e a segurança internacional. A integração das atividades de defesa na política externa permite que o Brasil, através de suas Forças Armadas, contribua para a manutenção da paz e o fortalecimento das alianças internacionais, ao mesmo tempo em que projeta seus valores e interesses no cenário global.

³“Preparar e empregar o Poder Naval, a fim de contribuir para a Defesa da Pátria; para a garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem; para o cumprimento das atribuições subsidiárias previstas em Lei; e para o apoio à Política Externa”. Disponível em :<
<https://www.marinha.mil.br/content/missao-e-visao-de-futuro-da-marinha>> Acesso em 04 de jul. de 2024

1.3 *Soft Power* e Diplomacia de Defesa

A próxima seção analisa como o conceito de *soft power*, especialmente em sua utilização dentro da Diplomacia de Defesa, se torna um recurso valioso para a construção e manutenção de relações internacionais sólidas e para a promoção dos valores e interesses nacionais. Embora não seja o foco central deste estudo aprofundar-se no conceito de *soft power* conforme delineado por Joseph Nye, torna-se essencial fornecer uma definição clara para facilitar o entendimento de como este se aplica à Diplomacia de Defesa. Esta breve exposição visa esclarecer o termo, permitindo uma verificação mais precisa das atividades descritas e reforçando a compreensão de sua relevância nas estratégias de influência global.

O conceito de *soft power*, introduzido por Joseph Nye, refere-se à capacidade de um país influenciar outros sem o uso de coerção, baseando-se em atração e persuasão. *Soft power* é exercido através de recursos culturais, políticos e ideológicos que tornam a política externa de um país atraente ou serve de exemplo para outros. Em contraste com o *hard power*, que envolve o uso de força militar ou pressão econômica, *soft power* se manifesta através de canais mais sutis que podem incluir, por exemplo, a cultura, os valores políticos e as políticas externas de um país (Nye, 2004, posições 67-74). Suppo (2011) afirma que o fator cultural é considerado uma fonte de poder que pode influenciar os meios, a forma e a intensidade que os estados procuram aumentar seu poder (Suppo, 2011, p. 48).

No contexto da Diplomacia de Defesa, *soft power* se materializa quando as forças armadas participam de atividades que vão além de suas funções combatentes tradicionais, contribuindo para a imagem positiva de um país no exterior. “A música faz parte do universo humano, da cultura humana, e obviamente influencia os modos de vida e as relações sociais dos que estão a sua volta” (Paião, 2010, p. 1). Nesse sentido, além da música, as bandas militares, evidenciam a disciplina, a hierarquia e os valores militares. Assim, vão além do cultural, fortalecem os laços diplomáticos e, conseqüentemente, melhoraram a percepção internacional de um país. Hugo Suppo (2011) discute como o *soft power*, articulado por meio de iniciativas culturais e de cooperação, reforça a Diplomacia de Defesa e amplia a influência internacional sem recorrer à força, sublinhando a importância dessa abordagem no paradigma realista das relações internacionais (Suppo, 2011, p.47-50). Cabe ressaltar que o *Soft Power* recorre a recursos intangíveis no intuito de alterar comportamento e atitudes de forma voluntária a fim de atingir seus objetivos, com isso há a percepção de necessitar de mais tempo para chegar aos resultados pretendidos. No entanto, possui a vantagem de que essas alterações sejam mais duradouras do que as do *Hard Power* (Penedos, 2014, p. 37).

A precisão e a qualidade das performances das bandas militares refletem as capacidades da instituição militar e, por extensão, do país. Elas ajudam a constituir vínculos culturais que extrapolam as interações militares tradicionais, servindo como um difusor para o *soft power* ao demonstrar habilidades e disciplina, fomentar a cooperação cultural e reforçar laços diplomáticos.

1.4 Música como diplomacia

Um exemplo expressivo da utilização da música como um instrumento de diplomacia são os “jantares de Estado” oferecidos pela Casa Branca para chefes de Estado e autoridades internacionais.

A “The President’s own U.S. Marine Band” criada a partir de uma lei promulgada pelo então presidente dos EUA, John Adams, em 1798, teve um papel fundamental nas relações diplomáticas entre os diversos líderes recebidos na residência oficial presidencial norte-americana⁴.

Dubois (2015) destaca a importância dessa banda nos jantares de Estado na Casa Branca. Desde a recepção de Ano Novo do segundo presidente americano, John Adams, em 1801, a banda tem desempenhado um importante papel em eventos históricos, servindo como um meio de diplomacia cultural. A banda não apenas entretém, mas também ajuda a criar uma atmosfera acolhedora para visitantes estrangeiros, muitas vezes inserindo músicas e tradições culturais dos países convidados.

Ao longo do século XX, a frequência dos jantares de Estado aumentou, agregando celebrações de acordos e de tratados de paz, como os Acordos de Camp David em 1979 (Tratado de paz Egito-Israel) e o tratado de paz entre Israel e a Palestina em 1993. Destaca-se alguns momentos memoráveis, como uma performance especial para o Primeiro-Ministro italiano Silvio Berlusconi, onde a pianista da banda tocou músicas compostas por ele. (Dubois, 2015, p.2)

Por meio dessas atividades, a banda do “Presidente” contribui para fortalecer relações diplomáticas e a promover a cultura americana, desempenhando uma função relevante na diplomacia internacional.

No Brasil, um dos exemplos do uso da música como ferramenta diplomática são os conjuntos musicais a bordo dos navios durante missões oficiais em portos estrangeiros.

⁴ Marines: the official website of The United States Marine Corps. United States Marine Band. Disponível em < <https://www.marineband.marines.mil/>> Acesso em 10 de set. 2024.

Santos (2019) destaca que algumas das viagens ocorridas no século XIX mostram como as bandas contribuíam para as relações diplomáticas entre os Estados. Há relatos detalhados sobre as práticas a bordo e as cortesias trocadas entre os comandantes dos navios e as autoridades estrangeiras dos portos visitados.

Um exemplo dessas práticas ocorreu por meio da corveta Vital de Oliveira, que, em 1882, sob o comando do Capitão de Fragata (CF) Júlio de Noronha, aportou em Hong Kong. Durante a Festa Literária no Club Luzitano, que comemorava o tricentenário de Luís de Camões, a banda do navio se apresentou, simbolizando, assim, o entrelaçamento cultural entre Brasil e Portugal. Outro relato de Júlio de Noronha descreve as gentilezas trocadas em 10 de julho de 1880, quando a corveta norte-americana *Richmond*, com o Contra-Almirante Patterson a bordo, deixou o Porto de Yokohama, Japão. A banda da *Richmond* executou o Hino Nacional Brasileiro, ao que a banda da Vital de Oliveira prontamente respondeu tocando o Hino Nacional dos Estados Unidos, demonstrando reciprocidade e cordialidade (Santos, 2019, p. 129).

Ainda neste sentido, entre 1890 e 1891, o encouraçado Aquidabã e o cruzador Guanabara realizaram uma viagem aos EUA. Ao passarem pelos Fortes *Hamilton* e *Wadsworth*, em Nova Iorque, em 26 de novembro de 1890, as bandas dessas fortificações tocaram o Hino Nacional Brasileiro e dispararam 21 salvas de tiros. Em resposta, os navios brasileiros devolveram as 21 salvas e suas bandas tocaram o Hino Nacional dos Estados Unidos, reforçando, dessa maneira, as práticas diplomáticas musicais (Santos, 2019, pp. 130-131).

Essas ações tornam-se mais evidentes no contexto da viagem do Cruzador Almirante Barroso, comandado pelo Capitão de Mar e Guerra (CMG) Custódio de Mello, ocorrida em 1890, na França. Antes da partida, o Ministério das Relações Exteriores (MRE) instruiu que o cruzador brasileiro não realizasse salvas nos portos franceses, uma vez que a França republicana ainda não havia reconhecido a recém-instaurada República dos Estados Unidos do Brasil. No entanto, ao suspender do porto de Toulon, na França, “o Almirante Barroso executou a Marselhesa e, em seguida, o Hino Nacional Brasileiro, ao passar pela proa do navio francês *Trident*” (Santos, 2019, p. 130). As saudações brasileiras foram prontamente respondidas pelos franceses, indicando que, apesar das restrições diplomáticas impostas, as interações amistosas entre as marinhas continuaram.

As práticas musicais, portanto, constituíram uma vertente específica da cultura marítima e diplomática a bordo. Reconheceu-se, assim, a necessidade de organizar e profissionalizar esses grupos para atender a essa demanda, já que se apresentavam diante de

grupos musicais de diversos países, sendo necessário o conhecimento de hinos e música internacional.

As comissões realizadas por navios da Armada brasileira em fins do século XIX, transportando representações militares e diplomáticas para portos de diversos Estados pelos variados continentes, apontam para a necessidade determinada pelos chefes de frações da Esquadra para dotarem as suas belonaves com conjuntos musicais com certa organização instrumental e com músicos com técnica e prática suficientes para serem uma espécie de portadores da música produzida no Brasil, ainda que em uma escala reduzida: nos navios e nos quartéis. (Santos, 2019, p.131)

Dessa forma, Santos (2019) afirma que a música a bordo era um dos meios utilizados para expressar e fortalecer os laços diplomáticos. É pertinente destacar que a origem das bandas do Corpo de Fuzileiros Navais remonta aos conjuntos musicais embarcados nos navios da Brigada Real da Marinha, responsável por trazer a Família Real ao Brasil em 1808 (RMB, 2001, p.10).

Atualmente, os conjuntos musicais a bordo dos navios da Marinha do Brasil, como no Navio-Escola Brasil⁵ e no Navio-Veleiro Cisne Branco⁶, continuam de certa forma a desempenhar essas funções diplomáticas. Esses conjuntos são compostos por suboficiais e ou sargentos Fuzileiros Navais músicos.

⁵ “Empregado na fase final da formação dos futuros oficiais, dispondo dos recursos instrucionais necessários à fase prática que consolida os conhecimentos adquiridos no curso da Escola Naval. A comissão, chamada de Viagem de Instrução de Guardas-Marinha, tem o propósito de complementar, com ênfase na experiência prática, os conhecimentos teóricos adquiridos pelos militares na Escola Naval durante o ciclo escolar, aprimorar a formação cultural dos futuros Oficiais da Marinha do Brasil e representar o País e a Marinha nos portos visitados, promovendo o estreitamento dos laços de amizade com as nações amigas” (grifo meu). Ministério da Defesa, Marinha do Brasil. Navio-Escola. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/meios-navais/navio-escola#:~:text=O%20Navio%20Escola%20Brasil%20%2D%20U,%C3%B3rg%C3%A3os%20da%20Marinha%20do%20Brasil.>> Acesso em 23 de jul. de 2024

⁶ “Exerce funções diplomáticas e de relações públicas. A sua missão é representar o Brasil em eventos náuticos nacionais e internacionais, divulgar a mentalidade marítima e preservar as tradições navais.” Ministério da Defesa, Marinha do Brasil. Navio-veleiro Cisne Branco. Disponível em: < <https://www.marinha.mil.br/navio-veleiro-cisne-branco> > Acesso em 23 de jul. de 2024

Capítulo II – Da Capo al Fine

2. Prelúdio

Neste capítulo é apresentada uma sucinta análise sobre os primórdios da música militar e um breve histórico das Bandas do CFN, desde sua origem em 1808 até os dias atuais. Além disso, são descritas suas formações atuais e a tentativa de transmitir, por meio das palavras, seu vulto e a relevância que elas têm para a Força. Infere-se que um estudo mais aprofundado sobre o assunto seria de grande valia para a história das bandas do CFN e, por conseguinte, para a história do CFN e da música no Brasil.

2.1 A Música Militar

A origem da música militar remete às antigas civilizações. Na Grécia Antiga, há registros literários que indicam a presença de músicos acompanhando batalhas e marchas, utilizando instrumentos como os aulos, a tromba e os tambores. Em Roma, a música militar era mais organizada, com instrumentos específicos como a tuba (tromba reta), a *buccina* (tromba curva), o *cornu* e tambores. Diferentes povos antigos também desenvolveram suas tradições musicais militares, utilizavam os instrumentos para coordenar movimentos em combate, transmitir ordens e motivar as tropas no campo de batalha. (Carvalho, 2007, pp. 1-2)

Durante a idade média, os Cruzados, ao entrarem em contato com os Sarracenos, que utilizavam música nas batalhas para transmitir ordens, organizar formações de combate e intimidar os inimigos, introduziram, também, a música em suas batalhas. Com o retorno dos Cruzados à Europa, muitos foram incorporados aos exércitos feudais, disseminando a prática da música marcial. A partir de então, músicos passaram a acompanhar as tropas em campanha e nas marchas vitoriosas. A primeira orquestra militar surgiu na França em 1762, nas Guardas Francesas, marcando uma evolução desde a Antiguidade Clássica, quando a música militar era executada por músicos inseridos na tropa, e não por uma banda militar formalizada. Com o tempo, novos instrumentos foram introduzidos, e as bandas militares se tornaram uma parte essencial da cultura militar, simbolizando disciplina, unidade e tradição (Carvalho, 2007, pp. 2-3).

Ao longo dos séculos, a música militar evoluiu adaptando-se às necessidades e às mudanças dos tempos. “O que conhecemos hoje como bandas militares é resultado, portanto,

de uma longa tradição de retiradas e acréscimos de instrumentos” (Carvalho, 2007, p. 4). Binder (2006) revela a distinção entre Banda Marcial e Banda de Música no âmbito militar, já no século XVIII. Para isso, afirma que cada uma dessas bandas possuía “sua própria organização, tradição e repertório” (Binder, 2006, p. 15), conforme trecho a seguir:

A banda marcial executava principalmente música funcional para tarefas de campo – conduzir sinais e ordens, auxiliar a manutenção da cadência da marcha e os movimentos da tropa -, além de tomar parte nas cerimônias militares, como paradas e formaturas. A banda de música também participava das cerimônias militares e provia com música as atividades sociais, recreativas (Binder, 2006, p. 15).

Embora as bandas militares brasileiras, atualmente, não desempenhem mais as funções em campos de batalha (Brasil, 2008b, p. 12-1), os toques de corneta e a música para auxiliar na cadência da tropa se mantém nas cerimônias militares, preservando e perpetuando os traços da tradição que marcaram sua origem, mantendo viva a herança musical e cultural das Forças Armadas.

2.2 Breve Histórico das Bandas do CFN

A origem do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) remonta a chegada da Família Real ao Brasil em 07 de março de 1808, quando da transmigração de todo aparato estatal da corte lusa para a colônia brasileira. Nessa ocasião, a Brigada Real da Marinha de Portugal foi a responsável pela segurança e escolta dos navios e ao desembarcar no porto do Rio de Janeiro, “pôs-se a marchar pelas ruas do Rio, tendo à frente sua “música marcial” (RMB, 2001, p.10). Dessa forma, dá-se também “a gênese de todas as bandas de fuzileiros navais” (RMB, 2001, p.11). Carvalho (2009) complementa que, em termos de organização como conjunto, essa seria “a primeira banda militar brasileira”. É importante entender que o termo “música marcial” é utilizado nesse período, devido o termo “banda”, segundo Binder, tornar-se frequente somente “a partir do final da segunda década do século XIX” (Binder, 2006, p.125).

Baseando-se no “Livro Histórico do Corpo de Fuzileiros Navais” de Anthero Marques (1940), foi possível realizar um levantamento do número de componentes das bandas de música e de corneteiros e tambores durante o período de 1821 a 1942⁷. Observa-se que neste livro, o autor já utiliza o termo “banda” e faz distinção entre músicos, corneteiros e tambores, separadamente. Contudo, para fins de análise quantitativa, esses dois últimos elementos

⁷ O quadro encontra-se no Anexo A

foram unificados como parte originária da atual Banda Marcial. Outro fato apresentado no livro é a aparição dos pífanos de forma separada até 1864, de forma similar aos corneteiros e tambores já mencionados. Durante esse período, o tamanho das bandas variou, sendo as mudanças mais significativas de 1821 para 1822. Nesse momento, a Banda de música, que era formada por 90 músicos, passou a ter apenas 38 e esse número se manterá até 1871, quando houve uma nova redução para 30 músicos. Esse efetivo se manteve até 1932. Da mesma forma, o número de corneteiros e tambores diminuiu, inicialmente, de 60 para 36 integrantes em 1822. Verificou-se que a variação do número de componentes, tanto corneteiros quanto tambores, foram maiores em relação aos músicos. Por exemplo, entre 1908 e 1912, o número de componentes, da banda de tambores e cornetas, variou de 36 para apenas 3. A partir de 1932, houve um crescimento expressivo no número de integrantes da banda de música e de corneteiros e tambores: 259 músicos e 251 corneteiros e tambores, nesse primeiro ano; 296 músicos e 278 corneteiros e tambores, em 1939; 231 músicos e 281 corneteiros e tambores, em 1942. Essa alteração no número de componentes, tanto de músicos quanto de corneteiros e tambores, provavelmente relacionam-se com o efetivo total de militares durante esse período que, por diversos motivos históricos, sofreu mudanças.

Segundo o Relatório do Ministério dos Negócios da Marinha, de abril de 1909, que faz referência ao ano anterior, o efetivo do Batalhão Naval era de 607 homens (BRASIL, 1909, p. 129). No entanto, em outro relatório, referente ao ano de 1912, o efetivo era em torno de 279 militares (BRASIL, 1913, anexo nº 1, p. 7). Dessa forma, esses dados sugerem que o número de músicos, corneteiros e tambores acompanhou o efetivo total de militares da Força até 1932, quando ocorreu uma reestruturação no Corpo de Fuzileiros Navais e, consequentemente, nas bandas de música.

Conforme o Decreto nº 21.140, de 10 de março de 1932, a banda de música do Corpo Imperial de Marinheiros passou a ter apenas 36 componentes, e o excedente foi transferido para a banda de música do Corpo de Fuzileiros Navais. Em 1937, o Decreto nº 1.375, de 14 de janeiro de 1937, extinguiu a banda de música do Corpo de Marinheiros, transferindo todo o seu efetivo para a banda de música do Corpo de Fuzileiros Navais.

Fig. 1 – Foto da Banda de Música do Regimento de Fuzileiros Navais em 1926



(Fonte: Esta foto encontra-se na secretaria da Companhia de Bandas do Batalhão Naval)

A partir desse momento a Banda Marcial sofre algumas alterações que levará ao atual número de 120 integrantes, o que produz um grande impacto no público pelo seu vulto e pelo desempenho musical e artístico dessa fração. Houve a inclusão de novos instrumentos em relação a sua gênese da Brigada Real da Marinha, que basicamente era composta de pífaros, trombetas e caixas de guerra. Um marco dessa modernização foi a doação das gaitas escocesas na década de 1950. Este instrumento tornou-se uma característica da banda, sendo hoje indissociável. Em 1968, composta por 170 integrantes, ostentou “os títulos de maior banda marcial militar e maior banda de gaitas escocesas do mundo, tornando-se famosa e admirada pelo povo brasileiro” (RMB, 2001, p. 13). O processo de modernização é contínuo, com a aquisição e incorporação de novos instrumentos, da mesma forma que o aprimoramento técnico de seus componentes. Os membros da banda são estimulados a progredirem musicalmente para alcançarem o mais alto nível profissional, sendo referência no meio das bandas e fanfarras militares e civis brasileiras.

A Banda Sinfônica foi instituída no início da década de 1970. No entanto, muito antes de receber essa designação, a banda já se apresentava em concertos pela cidade do Rio de Janeiro. Por exemplo, em 28 de julho de 1933, o professor e maestro Osvaldo Passos Cabral regeu a primeira apresentação pública da Banda do Corpo de Fuzileiros Navais (RMB, 1983, p. 155). Posteriormente, a Revista Brasil Musical, em sua edição de abril de 1946, publicou uma reportagem sobre a banda, intitulada “Os Fuzileiros Navais do Brasil e o seu grande conjunto musical”. Nessa matéria, destacava-se que a banda era composta por 280 músicos, detalhando-se a graduação, o nome completo e o instrumento de cada integrante. Entre os instrumentos mencionados, observam-se oboés e fagotes, atualmente considerados instrumentos “sinfônicos”, mais comumente encontrados em orquestras e bandas sinfônicas

do que em bandas de música convencionais. Contudo, é importante ressaltar que a orquestra militar das Guardas Francesas, criada em 1762, já incluía esses instrumentos. Com o passar do tempo, e com o aprimoramento e a introdução de novos instrumentos, os oboés e fagotes foram gradualmente excluídos das bandas de música em geral, pelo menos no Brasil. Entretanto, as bandas continuaram a evoluir e expandir-se, incorporando novos instrumentos e retirando outros, ao mesmo tempo em que desenvolviam um repertório adaptado à sua instrumentação (Carvalho, 2007, pp. 3-4).

Fig. 2- Foto da Revista Brasil Musical



(Fonte: Revista Brasil Musical – 1946 (p.24))

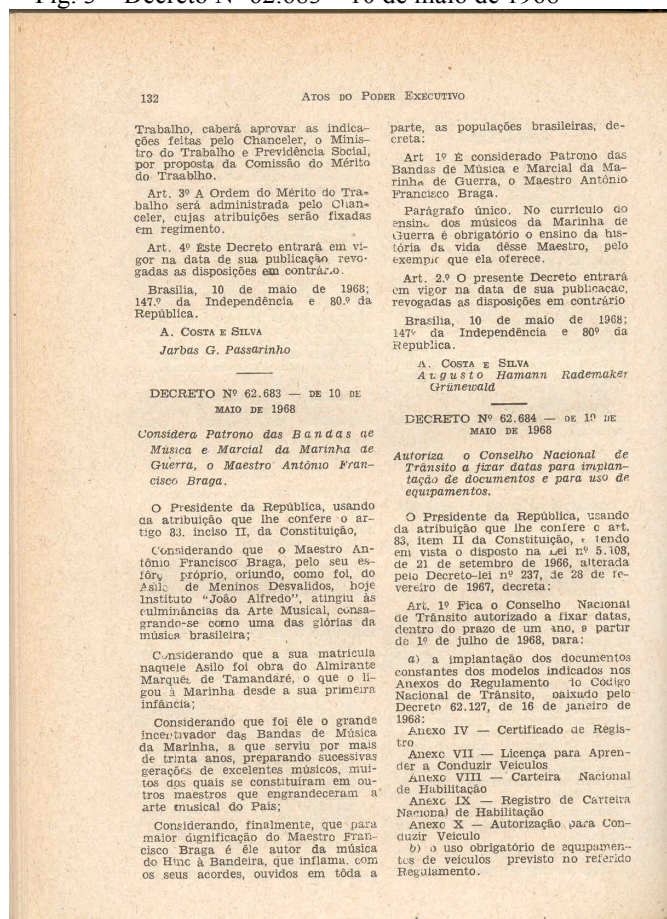
A revista também menciona o músico e compositor Francisco Braga (1868-1945) que atuou nas bandas da Marinha, a partir de 1910, do Corpo Imperial de Marinheiros e a dos Fuzileiros Navais, como o maior regente que essas bandas tiveram, “o qual realizou vários concertos públicos, elevando assim o nome e a tradição de uma das melhores bandas militares do Brasil” (Brasil Musical, 1946, p.24).

Francisco Braga atuou diretamente no aprimoramento e evolução das bandas de música da Marinha. Durante 22 anos (1909 – 1931), exerceu a função de professor e instrutor das bandas de música do Corpo de Marinheiros Nacionais e do Regimento Naval⁸ (RMB, 2000, p. 267). Em reconhecimento à sua contribuição, ele foi homenageado em 1968 com o

⁸ Denominação anterior do Corpo de Fuzileiros Navais (Brasil, 2008d, p. 1-5).

título de Patrono das Bandas de Música e Marcial da Marinha de Guerra, conforme o Decreto nº 62.683, de 10 de maio de 1968.

Fig. 3 – Decreto Nº 62.683 – 10 de maio de 1968



(Fonte: Arquivo da Marinha - DPHDM)

Um momento marcante da banda de música foi em 1952, por ocasião da apresentação no Palácio de Buckingham, Inglaterra, em um concerto sinfônico para a Rainha Elizabeth II. (RMB, 2001, p.11) Nota-se, principalmente, nesse último evento a presença da expressão “concerto sinfônico” o que caracteriza o caráter da apresentação, em que pese a denominação de Banda Sinfônica do CFN surgir dezoito anos depois.

A Banda Marcial também se apresentou para a Rainha Elizabeth II durante sua visita ao Rio de Janeiro em 1968. O evento, realizado no Estádio do Maracanã, contou com a presença de centenas de pessoas, incluindo a comitiva britânica. Na ocasião, a banda executou os tradicionais dobrados militares e formou no gramado a saudação inglesa “God Save the Queen”.

2.3 A Música no CFN

As bandas de música do CFN são constituídas por músicos, homens e mulheres⁹, que ingressam na Força por meio de concurso público e após 6 meses de formação militar no Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo (CIASC), são nomeados 3º Sargento Fuzileiro Naval Músico (3º SG-FN-EM). Já como sargentos, continuam neste centro de instrução para o aperfeiçoamento como Músico Militar, no qual o currículo consiste nas disciplinas conforme quadro abaixo:

Fig. 4 – Disciplinas do curso de aperfeiçoamento dos músicos militares do CFN

EM-I	- TREINAMENTO FÍSICO MILITAR	76 HORAS
EM-II	- TEORIA MUSICAL	41 HORAS
EM-III	- PERCEPÇÃO MUSICAL	55 HORAS
EM-IV	- PRÁTICA MUSICAL E REPERTÓRIO I	92 HORAS
EM-V	- HISTÓRIA DA MÚSICA	41 HORAS
EM-VI	- REGÊNCIA	60 HORAS
EM-VII	- PRÁTICA MUSICAL E REPERTÓRIO II	101 HORAS
EM-VIII	- HARMONIA TRADICIONAL	62 HORAS
EM-IX	- PRÁTICA MUSICAL E REPERTÓRIO III	148 HORAS
EM-X	- ORQUESTRAÇÃO	41 HORAS
EM-XI	- NOÇÕES DE HARMONIA FUNCIONAL	42 HORAS
EM-XII	- EDITORAÇÃO DE PARTITURAS	25 HORAS
EM XIII	- ATIVIDADES DE ESTADO MAIOR EM CAMPANHA	27 HORAS

(Fonte: DENSM, 2021)

Constata-se que o currículo acima é extenso e diversificado para que os músicos sejam os mais capacitados para desempenharem suas funções nas diversas bandas da Marinha do Brasil (MB). Ainda que o enfoque seja predominantemente musical, verifica-se a inserção do Treinamento Físico Militar e as Atividades de Estado Maior em Campanha. Nas disciplinas Prática Musical e Repertório I e II o objetivo é executar marchas para continência, hinos pátrios, canções militares e dobrados marciais e sinfônicos, que também englobam a ordem unida com instrumento. Dessa forma, os sargentos músicos recém-formados aprendem a marchar tocando e adquirem a marcialidade característica das bandas militares. Outrossim, para dar continuidade a preparação e conscientização militar durante o curso, são ministradas palestras de Liderança, Tradições Navais, Amazônia Azul dentre outras.

⁹ Em 2001, formaram-se as primeiras mulheres Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil no quadro de música. Até o ano de 2023, as mulheres só poderiam ingressar no Corpo por meio do concurso para sargento músico. A partir de 2024, formou-se a primeira turma de soldados Fuzileiros Navais composta por homens e mulheres.

Existem dezesseis bandas de música, distribuídas em cada um dos oito Distritos Navais do País (Salvador-BA, Natal-RN, Belém-PA, Rio Grande-RS, Ladário-MS, Brasília-DF, São Paulo-SP, Manaus-AM) e as restantes, em Organizações Militares (OM) no Rio de Janeiro: Grupamento de Fuzileiros Navais no Rio de Janeiro (GptFNRJ); Escola Naval (EM); Centro de Instrução Almirante Graça Aranha (CIAGA); Centro de Instrução Almirante Alexandrino (CIAA); Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo (CIASC); Base Naval do Rio de Janeiro (BNRJ); Batalhão Naval (BtlNav); e Colégio Naval (CN), situada na cidade de Angra dos Reis. Essas bandas integram-se às cerimônias militares e são capazes de participar de apresentações musicais com um “repertório limitado” para o tipo de formação (BRASIL, 2008c, p.12-1). Essas bandas são, em sua maioria, compostas pelos seguintes instrumentos: trombones, trompetes, tubas, clarinetas, flauta/flautim/requinta, saxofones alto e tenor, bombardino, trompa e percussão (Fig. 5).

Fig. 5 – Dispositivo para as formaturas das Bandas de Música Tipo IV

MESTRE SO			
TROMBONE TENOR	TROMBONE TENOR	TROMBONE TENOR	BOMBARDÃO EM MI BEMOL / SI BEMOL
TROMPETE EM SI BEMOL	TROMPETE EM SI BEMOL	TROMPETE EM SI BEMOL	REQUINTA MI BEMOL / FLAUTA EM DÓ
CLARINETE EM SI BEMOL	CLARINETE EM SI BEMOL	CLARINETE EM SI BEMOL	SAXOFONE ALTO EM MI BEMOL
SAXOFONE ALTO EM MI BEMOL	TROMPA EM FÁ	TROMPA EM FÁ	SAXOFONE TENOR EM SI BEMOL
BOMBARDINO EM DÓ/BARÍTONO EM SI BEMOL			CAIXA CLARA
BOMBO	BOMBO	BOMBO	PRATO (PAR)

(Fonte: BRASIL, 2008c, p. 19-5)

Além dessas bandas, existe a Banda Sinfônica do CFN que é uma “Banda de Música capaz de executar qualquer tipo de repertório e realizar concertos (...). Poderá ser acrescida de um coro de vinte e quatro vozes” (BRASIL, 2008c, p. 12-1). A Banda Sinfônica, juntamente com a Banda Marcial, está situada na Companhia de Bandas do Batalhão Naval, na cidade do Rio de Janeiro.

2.4 Companhia de Bandas do Batalhão Naval

A Companhia de Bandas do Batalhão Naval está sediada na histórica Fortaleza de São José da Ilha das Cobras, Rio de Janeiro. Após a conquista de Caiena, em 21 de março de 1809, “por determinação do Ministro da Marinha D. João Rodrigues de Sá Menezes – Conde de Anadia” (Marques, 1940, p. 8) “a Brigada que inicialmente ficou instalada a bordo dos navios e nos quartéis da Armada, foi transferida para a Fortaleza de São José da Ilha da Cobras, local de onde nunca mais se afastou, hoje sede do Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais” (CFN, 2008, p.16). Fazem parte da Cia de Bandas: a Banda Sinfônica do CFN; a Banda Marcial do CFN; o Conjunto Fuzibossa, grupo musical com uma formação diversificada, pois atua desde pequenos eventos com dois músicos a grandes confraternizações com a banda completa: cantores, teclado, baixo elétrico, guitarra, bateria completa, percussão, trombone, trompete e sax; e uma Banda de Música que na MB recebe a denominação de Tipo IV (tem correspondência com o número de componentes e o tipo de repertório que é capaz de executar). Por fim, existem outros grupos musicais que derivam dessas formações como o Coro do CFN, que é composto pelos músicos da Banda Tipo IV e participa das apresentações da Banda Sinfônica, a BigBand Fuzishow, formada por músicos da Banda Sinfônica, Conjunto Fuzibossa e Banda Tipo IV, é inspirada nas BigBands Norte Americanas, no entanto, apresenta um repertório diversificado que vai do pop ao jazz com protagonismo na música brasileira; e por fim, o Quinteto de Sopros do CFN – flauta transversa, oboé, clarineta, fagote e trompa - que é representado por músicos da Banda Sinfônica e atua como um grupo camerístico apresentando-se em museus, igrejas e salas de concerto. No total, a média de militares que pertencem a Cia de Bandas está em torno de 275 músicos e corneteiros nas graduações de cabos, sargentos e suboficiais, e no comando, um oficial que normalmente acumula a função de Regente da Banda Sinfônica.

As Bandas Sinfônica e Marcial são as duas maiores bandas do Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil, porém cada uma tem uma proposta específica conforme descrito no website do Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais:

Banda Sinfônica – Suas apresentações são marcadas por uma mistura equilibrada de músicas populares e eruditas, instrumentais e cantadas. Composta por dois oficiais regentes e 118 militares músicos nas graduações de suboficiais e sargentos, a Banda Sinfônica foi criada na década de 70 e pertence à Companhia de Bandas do Batalhão Naval, situado à Fortaleza de São José da Ilha das Cobras, Rio de Janeiro.

Banda Marcial – Caracteriza-se por formar figuras e fazer evoluções enquanto executa dobrados militares e canções populares adaptadas.

Composta por 96 executantes nas graduações de suboficiais, sargentos e cabos, tem como diferencial a presença das gaitas de fole, que contribuem para a sonoridade única das apresentações. (<https://www.marinha.mil.br/cgcfm/bandas>)

2.5 Banda Marcial

A Banda Marcial do CFN, na qual os executantes tocam marchando e formam figuras e letras, é composta por militares da especialidade de Corneta e Tambor – ingressam na Força como soldados e quando do concurso para ascender a graduação de cabo¹⁰, realizam um Teste de Habilidade Específica na Corneta para verificar se possuem aptidão para desempenharem suas funções nessa especialidade, diferente dos músicos que já ingressam na Força como 3º sargento. Em suas apresentações envergam o tradicional uniforme Garança que reforça o caráter militar e assegura garbosidade aos movimentos marciais desses militares enquanto ressoam os dobrados e marchas militares. Mesmo nas músicas populares, não perdem a característica aguerrida e a precisão dos movimentos repetidamente ensaiados e sincronizados que dão vida à letras e figuras.

Os instrumentos que compõem os naipes da Banda Marcial, conforme descrito na norma do CGCFN-12: Material do CFN, são: bombo, caixa tarol, surdo médio, prato, corneta, cornetão baixo, lira cromática, gaita de fole, pífaro e triton. Porém, alguns desses instrumentos foram substituídos por outros mais modernos, com o intuito de aprimorar o som e a afinação da Banda Marcial, como por exemplo, os trompetes em Bb (si bemol) no lugar das cornetas, os surdos tenores no lugar dos surdos médios, o quadriton no lugar do triton, o flautim no lugar do pífaro e o trombonito no lugar do cornetão baixo. Foram inseridos, ainda, as caixas de guerra. Essa modernização do instrumental ocorreu em 2011 e trouxe uma sonoridade mais refinada e a possibilidade de ampliar e diversificar o repertório.

As gaitas de fole foram introduzidas na década de 1950, um presente ofertado pelo Reino Unido ao Capitão de Mar e Guerra (CMG) Paulo Bosísio, Comandante do Cruzador Tamandaré, que doou ao CFN (CFN, 2008, p.38). Desde então, o instrumento tornou-se característico da Banda e está presente, não só nos eventos da Banda Marcial, mas nas apresentações da Banda Sinfônica, em números solos, em solenidades militares e em celebrações religiosas. Outro símbolo representativo é o *schellenbaum* – árvore de sinos –

¹⁰ Atualmente, não há mulheres na Banda Marcial, pois somente em 2024 houve o ingresso de mulheres como soldado no CFN.

“peça de metal com campainhas, ornadas de carvalho, sol, águias laqueadas de dourado e estrelas que vai à frente da Banda Marcial” (CFN, 2008, p. 40). Atualmente, a banda possui três *schellenbäume* como na figura abaixo:

Figure 6 – Marco Zero – Recife – PE, 19/08/2023



(Fonte: arquivo pessoal¹¹)

2.6 Banda Sinfônica

A Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais é composta por cerca de 90 músicos. Anualmente, realiza em média 40 apresentações, muitas das quais ocorrem em sua própria sede, na Fortaleza de São José. Além disso, a banda se apresenta no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, anualmente, durante o tradicional concerto em comemoração ao aniversário do Corpo de Fuzileiros Navais, bem como em diversos teatros e salas de concerto por todo o Brasil. Seu repertório é diversificado, abrange desde músicas clássicas de renomados compositores eruditos até canções populares, tanto nacionais quanto internacionais.

¹¹ Foto cedida pelo SO-FN-CT Araújo Lima.

A Banda Sinfônica é estruturada nos seguintes naipes instrumentais:

Madeiras: clarinetes, clarinete-alto, clarinete-baixo, clarinete contrabaixo, requinta; flautas, flautim; saxofones-alto, saxofones-tenor, saxofones-barítono¹²; fagotes, oboés, corne inglês. Cordas: violoncelo, contrabaixo acústico e harpa¹³. Metais: trombones, trompetes, trompas, eufônios e tubas (bombardão). Percussão: bateria completa, tímpanos, teclados barrafônicos (xilofone, glockspiel, vibrafone e marimba), bumbo, caixa, pratos e acessórios de percussão em geral. Base: teclado, guitarra/violão e baixo elétrico.

A banda ainda conta com cantores solistas, sopranos e tenores, bem como, um coro de aproximadamente 25 vozes formado pelos músicos da Banda Tipo IV do Batalhão Naval.

No próximo capítulo, será realizada a análise da participação das Banda Sinfônica e Banda Marcial do CFN em eventos internacionais a partir de 2004, examinando de que modo tais eventos dialogam com a Diplomacia de Defesa. Esta análise visa fomentar um aprimoramento contínuo, de modo que as futuras participações possam ser conduzidas de forma mais eficiente e eficaz, promovendo os interesses do País no cenário global.

Fig. 7 – Apresentação da Banda Sinfônica do CFN na Sala São Paulo em 2023



(Fonte: arquivo pessoal)

¹² Existem os saxofones soprano, soprano e baixo, porém não estão sendo utilizados na banda no período da pesquisa.

¹³ A harpa foi introduzida na BSCFN em 2019, é a única banda militar do Brasil a possuir esse instrumento.

Capítulo III – *In Concert*

3. Eventos internacionais

A Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) já havia se apresentado no exterior em diversas ocasiões, destacando-se as performances no Palácio de Buckingham, Inglaterra, em 1952, para a Rainha Elizabeth II; em Hamburgo, Alemanha, em 1974; e em Modena, Itália, em 1996, durante o V Festival Internacional de Bandas Militares (RMB, 2001, p. 11). No entanto, até o ano de 2005, não foi encontrado registros, nas fontes pesquisadas, de apresentações internacionais da Banda Marcial do CFN.

Neste capítulo, serão analisados os eventos a partir de 2004, de forma cronológica, marcando a primeira apresentação da Banda Sinfônica, fora do território brasileiro, após oito anos, e as primeiras apresentações internacionais da Banda Marcial. Este levantamento não se restringe apenas às apresentações ocorridas no exterior, mas também inclui aquelas realizadas em solo nacional com caráter diplomático-militar. Ainda, como parte da análise, os eventos serão relacionados com o conceito de Diplomacia de Defesa apresentado no Capítulo I.

3.1 - 1º Festival Internacional da Cultura das Três Fronteiras: Banda Sinfônica.

O 1º Festival Internacional da Cultura das Três Fronteiras ocorreu em 23 de junho de 2004 na cidade de Porto Iguazú, na Argentina e contou com apresentações de diversos segmentos culturais do Paraguai, da Argentina e do Brasil. O festival foi organizado em uma colaboração entre os Ministérios da Cultura dos três países com o propósito de desenvolver políticas de intercâmbio e cooperação no âmbito do Mercosul Cultural, ampliando, assim, as relações entre essas nações¹⁴. A plateia era composta por autoridades e cidadãos locais e turistas. Na ocasião, a autoridade brasileira presente, era o então Ministro da Cultura, Gilberto Gil, renomado cantor e compositor, que assistiu do palco a apresentação da Banda Sinfônica do CFN¹⁵.

A Banda Sinfônica do CFN se apresentou com um repertório variado¹⁶, desde compositores clássicos como L.V. Beethoven, Carl Orff e Giuseppe Verdi, aos populares

¹⁴ Ministros da Cultura se reúnem em Puerto Iguazú. ([s.d.]). Agência Estadual de Notícias - Histórico de 2003 2010. Disponível em < <https://arquivo2003.aen.pr.gov.br/Noticia/Ministros-da-Cultura-se-reunem-em-Puerto-Iguazu> > Acesso em 04 de set. 2024.

¹⁵ Neste evento a autora deste trabalho estava presente, como musicista, e pode presenciar tal fato.

¹⁶ O repertório completo encontra-se no Anexo D.

brasileiros Ary Barroso, Tom Jobim, Milton Nascimento e Roberto Carlos. Destaca-se a inclusão de obras representativas dos países participantes, como a peça "Tangos", dos compositores argentinos Carlos Gardel, Alfredo Le Pera e Edgardo Donato, que evoca o estilo musical mais emblemático da Argentina, e "Índia", de José Asunción Flores e Manuel Ortiz Guerrero, uma famosa guarânia paraguaia. Além disso, a execução de "Amigos para Siempre", de Andrew Lloyd Weber, composta para os Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992, reforçou a temática de amizade e cooperação entre essas nações.

Apesar da diversidade do repertório, a música brasileira se fez presente com a execução de "Aquarela do Brasil", de Ary Barroso, culminando com a tradicional canção "Cisne Branco – Canção do Marinheiro", que encerrou a apresentação.

Assim como Dubois (2015) descreveu no artigo "Music as Diplomacy: The Marine Band's History of State Dinners", a música tem a capacidade de facilitar o entendimento entre diferentes culturas, criando uma atmosfera propícia ao diálogo e à cooperação entre nações. No festival, a participação da Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais exemplificou esse papel, ao reunir tradições musicais dos três países, promovendo o respeito mútuo e fortalecendo as relações entre as nações participantes. Acrescenta-se o fato da região das três fronteiras constituir um espaço geopolítico de importância estratégica para a integração cultural e econômica dos três países¹⁷.

A presença da Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais, composta por cerca de cem músicos militares, envergando uniforme, executando um repertório diversificado com disciplina e precisão, amplia a interpretação do evento, que também pode ser visto como uma manifestação de Diplomacia de Defesa. Conforme Pereira (2021), outro campo da Diplomacia de Defesa é a melhoria da imagem das Forças Armadas e do País no exterior. Dessa forma, a atuação da banda não apenas valorizou as tradições culturais, mas também projetou a imagem do Corpo de Fuzileiros Navais, bem como das Forças Armadas do Brasil, como representantes da cultura, da disciplina e da soberania nacional. Assim, o festival não só promoveu a integração cultural entre os países envolvidos, como também destacou a música militar como um instrumento diplomático, capaz de representar os valores culturais e militares do País.

¹⁷ Ministros da Cultura se reúnem em Puerto Iguazú. ([s.d.]). Agência Estadual de Notícias - Histórico de 2003 2010. Disponível em < <https://arquivo2003.aen.pr.gov.br/Noticia/Ministros-da-Cultura-se-reunem-em-Puerto-Iguazu> > Acesso em 05 de set. 2024.

3.2 - Desfile cívico-militar em comemoração à Revolução Francesa - Ano do Brasil na França: Banda Marcial

O Ano do Brasil na França, também conhecido como *Brésil, Brésils*, foi uma série de eventos culturais organizados conjuntamente pelos governos brasileiro e francês, realizada entre março e dezembro de 2005. Este evento fez parte do programa de temporadas culturais estrangeiras, uma iniciativa do governo francês em vigor desde 1985, que já contou com a participação de diversos países, como Índia, Filipinas, Egito, Japão e China (Amaral, 2008, pp. 30-31).

Inicialmente, o programa foi concebido para promover o intercâmbio cultural e despertar o interesse pela cultura francesa nos países convidados. Contudo, devido à sua eficácia, a França passou a utilizar esse modelo de forma crescente (Amaral, 2008, p. 32). De acordo com o então Ministro da Cultura, Gilberto Gil, “foi a maior iniciativa de difusão cultural jamais organizada pelo Brasil num país estrangeiro, capaz de atrair um público de 15 milhões de pessoas” (Amaral, 2008, p.11). Vale destacar o envolvimento conjunto dos Ministérios das Relações Exteriores, da Cultura e da Defesa na realização desse evento.

A Banda Marcial do Corpo de Fuzileiros Navais apresentou-se durante um feriado nacional duplamente celebrado pelo povo francês: a Queda da Bastilha (1789) e a Festa da Federação (1790). O principal evento em que a Banda Marcial do CFN participou foi o desfile na Champs-Élysées, no dia 14 de julho de 2005, com a presença dos presidentes Jacques Chirac, do país anfitrião, e Luiz Inácio Lula da Silva, do Brasil. O desfile, televisionado e assistido por milhares de cidadãos e turistas¹⁸, foi um marco, todavia, a Banda Marcial também realizou outras apresentações na cidade, como a que ocorreu em frente à Torre Eiffel. Essas apresentações são possíveis, pois uma das principais características da Banda Marcial é a ausência da necessidade de estruturas adicionais, como palco, cadeiras, sonorização ou estantes de partitura, requisitos normalmente exigidos pela Banda Sinfônica. Isso facilita sua atuação em diversos cenários, necessitando apenas de espaço suficiente para dispor os instrumentistas e executar as evoluções.

O repertório, em sua maioria, foi composto por dobrados e marchas devido ao caráter formal do evento e por se tratar de uma parada militar. Dessa forma, não foi apresentada

¹⁸Memórias da TV. BRASIL EM PARIS / Desfile das Tropas Brasileiras no 14 de Julho de 2005, na AVENIDA CHAMPS ELYSÉES. Youtube. Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=z_f2s8v10g8> Acesso em 06 de set. 2024.

nenhuma música popular, no entanto foi executada a Marcha “Paris-Belfort” em homenagem ao país anfitrião, e o “Cisne Branco – canção do marinheiro”, que sempre finaliza as apresentações, tanto da Banda Marcial quanto da Banda Sinfônica¹⁹.

A inclusão da Banda Marcial do CFN no Ano do Brasil na França, e em particular no desfile da Champs-Élysées em comemoração à Queda da Bastilha, reflete uma dimensão importante da Diplomacia de Defesa. O envolvimento direto do Ministério da Defesa do Brasil na organização e execução desse evento ressalta como a Diplomacia de Defesa é articulada por meio dos ministérios responsáveis pela segurança e defesa. Silva (2014) destaca a importância desses órgãos na coordenação das Forças Armadas e na promoção dos interesses nacionais no cenário internacional. Suppo (2011) enfatiza que, atualmente, o fator cultural é capaz de ser integrado ao conceito de poder de um Estado (Suppo, 2011, p.48).

A participação em um evento como o desfile de 14 de julho em Paris²⁰, também evidencia o papel estratégico das Forças Armadas na projeção de poder e na política externa do Brasil. Esse desfile militar, acompanhado de outras apresentações de caráter marcial, não apenas promoveu a cultura brasileira em um contexto internacional, mas também destacou o papel das Forças Armadas no fortalecimento das relações bilaterais. A presença dos presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Jacques Chirac nesse contexto reforça a importância estratégica desse evento, que foi muito além de um simples intercâmbio cultural, tornando-se um ato diplomático onde a música e a disciplina militar serviram como veículos de cooperação e demonstração de poder.

Como Silva (2014) sugere, a Diplomacia de Defesa não se limita às ações militares convencionais, mas se estende a eventos que, embora culturais na superfície, carregam um forte simbolismo de cooperação e poderio militar. A atuação da Banda Marcial do CFN em Paris exemplificou essa dinâmica, evidenciando como o Ministério da Defesa do Brasil utilizou esta oportunidade para promover não apenas a cultura, mas também a defesa dos interesses nacionais no cenário internacional. Nesse sentido, Penedos (2014) reforça que a Diplomacia de Defesa, ao integrar elementos de cooperação, confiança e demonstração de capacidade, atua de forma abrangente, incluindo tanto a segurança quanto a projeção de poder, aspectos evidenciados neste evento. Percebe-se, assim, a construção de relações de confiança essenciais na sociedade moderna (Penedos, 2014, p. 41).

¹⁹ Repertório informado pelo SO-FN-CT Araújo Lima (comunicação oral).

²⁰ Memórias da TV. BRASIL EM PARIS / Desfile das Tropas Brasileiras no 14 de Julho de 2005, na AVENIDA CHAMPS ELYSÉES. Youtube. Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=z_f2s8vl0g8 > Acesso em 06 de set. 2024.

Fig. 8 - A Banda Marcial na Champs-Élysées e em frente a Torre Eiffel



(Fonte: arquivo pessoal²¹)

3.3 - Comemoração dos 60 anos da criação do Estado de Israel: Banda Híbrida

Em 2008, a Banda de Música do CFN de Brasília foi convidada pela Embaixada de Israel a participar das comemorações dos 60 anos da fundação do Estado de Israel, um convite que se estendeu para as Bandas Sinfônica e Marcial do Corpo de Fuzileiros Navais. As apresentações ocorreram entre 05 e 14 de julho de 2008, nas cidades de Haifa e Beersheva, Israel, com uma formação especial denominada internamente por "Banda Híbrida", composta por 30 integrantes das três bandas²².

A celebração reuniu bandas militares de diversos países, incluindo França, Rússia, Polônia, Estados Unidos, Holanda, Inglaterra, Alemanha, Romênia, Israel e Brasil. Durante o evento no Estádio de Haifa, todas as bandas executaram juntas o Hino de Israel e o Hino das Forças de Defesa de Israel (*Israel Defense Forces* - IDF), organizando-se em uma formação que representava a Estrela de Davi. O evento contou com a presença de autoridades civis, militares e religiosas, incluindo o Comandante das Forças de Defesa de Israel, o Comandante Supremo da Força Aérea de Israel, o Prefeito de Haifa e o Rabino-chefe da sinagoga de Haifa, além da participação da comunidade local.

Além dos hinos, a Banda do CFN executou, em todas as participações, diversas composições israelenses e a renomada música brasileira "Aquarela do Brasil". Nos desfiles, executaram os dobrados "Barão do Rio Branco" e "Fibra de Herói", sempre encerrando as apresentações com o "Cisne Branco – Canção do Marinheiro"²³.

Conforme Silva (2014), os eventos em coparticipação entre as Forças Armadas possuem o propósito de incrementar a amizade e a colaboração entre essas instituições.

²¹ Fotos cedidas pelo SO-FN-CT Araújo Lima

²² Informações cedidas pelo 1ºSG-FN-MU Generoso (comunicação oral).

²³ O repertório completo encontra-se no Anexo D

Assim, a participação das bandas militares nas comemorações do sexagésimo aniversário de Israel exemplifica a prática da Diplomacia de Defesa. Esta forma de diplomacia, que difere das operações militares tradicionais de guerra, inclui iniciativas que integram dimensões políticas, econômicas e culturais, as quais colaboram para diversos fins tais como defesa, manutenção da paz, humanitário e etc. (Silva, 2014, p.80).

A presença de autoridades civis, militares e religiosas de Israel, juntamente com a execução colaborativa de hinos e músicas, ilustra a multifuncionalidade da música como uma ferramenta diplomática, não apenas celebrando um evento histórico, mas também como um meio de fortalecer laços e fomentar o diálogo intercultural. Nesse contexto, Pereira (2021) argumenta que a Diplomacia de Defesa permite a obtenção de capacidades e a difusão da credibilidade através de intercâmbios e demonstrações culturais, que servem para construir e manter a confiança entre as nações.

Além disso, Penedos (2014) sugere que a Diplomacia de Defesa é um instrumento estratégico para alcançar os objetivos de política externa, empregando recursos militares em atividades que contribuem significativamente para a prevenção e resolução de conflitos. Neste contexto, a atuação das bandas militares ultrapassa a simples execução musical. A combinação de uniformes, disciplina e a excelência na *performance* musical exemplifica um efetivo exercício de *soft power*. Esses elementos juntos não apenas demonstram a capacidade organizacional e a tradição das Forças Armadas, mas também promovem valores, fortalecem vínculos culturais e fomentam um entendimento mútuo (Penedos, 2014, p.37).

Portanto, a atuação das bandas do CFN e outras bandas militares internacionais no evento em Israel reafirma o papel da música no âmbito das Forças Armadas como embaixadoras culturais e promotores da cooperação, refletindo a essência da Diplomacia de Defesa. Esta abordagem não somente fortalece as relações bilaterais e multilaterais, mas também demonstra a capacidade dos militares de contribuir para a diplomacia global de maneira que vão além do combate e da estratégia militar, integrando-se efetivamente às práticas mais amplas de política externa e segurança coletiva (Pereira, 2021, pp. 20-21).

Fig. 9 - As bandas militares participantes formam a Estrela de Davi



(Fonte: arquivo pessoal²⁴)

3.4 - Le Festival Interceltique de Lorient: Banda Marcial

O Festival Intercéltico de Lorient, França, é um evento anual que celebra a herança celta de várias regiões, atraindo delegações de países de cultura céltica como Bretanha, Galícia, Irlanda, Escócia, País de Gales, entre outros. Em 2009, o festival ocorreu entre 31 de julho a 09 de agosto e homenageou a Galícia, Espanha, destacando a cultura, dança e música galega (Branco, 2015, p. 216).

O convite para a participação da Banda Marcial do Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil foi feito pelo renomado músico galego Carlos Núñez. Núñez é um virtuoso da gaita de fole galega e também toca outros instrumentos tradicionais da cultura celta. Sua influência e reconhecimento no mundo da música celta permitiram estender o convite à banda do CFN. Núñez já havia colaborado anteriormente com a Banda Marcial e a Banda Sinfônica do CFN, fortalecendo os elos entre suas culturas musicais. Em 2008, por ocasião das comemorações dos 200 anos do Corpo de Fuzileiros Navais, Carlos Nuñez se apresentou com a Banda Sinfônica do CFN no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, executando obras como o “Bolero” de Ravel, a música tema do filme “O último dos moicanos” e “Asa Branca” de Luiz Gonzaga, essas duas últimas com a participação conjunta das gaitas de fole da Banda Marcial. Destaca-se a participação das gaitas de fole da Banda Marcial em pelo menos uma música em apresentações de grande vulto da Banda Sinfônica.

Durante o festival, a Banda Marcial do CFN apresentou um repertório integralmente brasileiro, introduzindo novas sonoridades em um ambiente celta, o que resultou em um enriquecimento cultural mútuo. Músicas como “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga; “Anunciação”, de Alceu Valença; “Aquarela do Brasil”, de Ary Barroso; e o “Cisne Branco –

²⁴ Arquivo pessoal. Foto cedida pelo 1º SG-FN-MU Generoso.

Canção do Marinheiro”²⁵, foram contempladas pelo público presente, além dos dobrados nacionais nos desfiles pelas ruas da cidade. Para este evento específico, apenas os instrumentistas de gaita de fole e percussionistas da banda participaram, formando um conjunto de gaitas e percussão. A banda também se apresentou ao lado do músico Carlos Nuñez e outras bandas do festival, tocando juntos composições celtas. Essa colaboração não só enriqueceu o festival, mas também destacou a universalidade da música e a capacidade de unir diferentes tradições culturais, criando experiências memoráveis tanto para os instrumentistas quanto para o público.

Assim como no Festival Cultural da Tríplice Aliança, o Festival Intercéltico de Lorient ressaltou mais aspectos culturais do que de defesa. No entanto, a presença de uma banda militar, trajando uniformes e exibindo marcialidade e disciplina, sugere o caráter de defesa, reforçando a imagem das Forças Armadas brasileiras no cenário internacional (Pereira, 2021, p. 25). A *performance* de uma banda militar não apenas revela riquezas culturais, mas também pretende contribuir para posicionar o Brasil como um ator influente no contexto global. Por meio dessas atuações, a Diplomacia de Defesa é sutilmente empregada, utilizando a música como um instrumento de *soft power*, que reafirma a presença brasileira no mundo, promovendo os interesses nacionais através de uma abordagem que mescla cultura, cooperação e demonstração de capacidades (Penedos, 2014, p.24).

Fig. 10 - Banda Marcial do CFN em apresentação com o músico Carlos Nuñez e com a banda de Gaitas da Marinha da França.



(Fonte: Arquivo Pessoal²⁶)

3.5 - The Royal Edinburg Military Tattoo - 2011: Banda Marcial

O The Royal Edinburgh Military Tattoo teve sua primeira edição em 1950. O festival foi criado como parte das celebrações do Festival Internacional de Edimburgo para promover a cultura e o turismo na cidade no período pós-Segunda Guerra Mundial.

²⁵ Repertório informado pelo SO-FN-CT Araújo Lima (comunicação oral).

²⁶ Fotos cedidas pelo SO-FN-CT Zaphiro

O evento começou como uma simples apresentação de bandas militares, mas rapidamente cresceu em popularidade e importância. A ideia era combinar a tradição militar com performances culturais, e o sucesso inicial levou à sua institucionalização. O festival passou a atrair não apenas bandas militares do Reino Unido, mas também de várias partes do mundo, tornando-se um dos eventos mais esperados da Escócia e um símbolo da cultura militar e cívica britânica²⁷.

Desde então, o The Royal Edinburgh Military Tattoo ocorre anualmente, durante os finais de semana de agosto, e se tornou um dos eventos mais aguardados e respeitados no calendário cultural de Edimburgo e do Reino Unido. Cada edição do festival é realizada ao ar livre, na esplanada do Castelo de Edimburgo, e inclui uma mistura de música, coreografia e performances visuais, culminando em uma demonstração de precisão e coordenação militar. Além dos 220.000 espectadores que assistem ao espetáculo ao vivo, é importante destacar os cerca de 100 milhões de telespectadores que acompanham o evento por meio das transmissões televisivas²⁸.

A Banda Marcial participou em 2011 e destacou-se pela execução de um repertório inteiramente brasileiro, composto por músicas populares. O ponto alto da *performance* ocorreu durante a execução da música "Aquarela do Brasil", quando alguns membros da banda, acompanhados por passistas, sambaram com entusiasmo, envolvendo e contagiando o público presente que retribuiu com calorosos aplausos. Ainda, finalizou o espetáculo com o tradicional "Cisne Branco- Canção do Marinheiro". Tal *performance* pode ser verificada em diversos vídeos disponíveis na internet com milhares de visualizações pelo mundo²⁹.

A participação da Banda Marcial no The Royal Edinburgh Military Tattoo em 2011 exemplifica a integração entre cultura, espetáculo e diplomacia. Esse evento, caracterizado por sua magnitude e visibilidade, tanto presencial quanto midiática, destaca-se como uma plataforma internacional onde as exibições militares excedem o âmbito meramente cerimonial para incorporar um papel ativo na diplomacia.

Neste contexto, o desempenho da Banda Marcial, ao apresentar um repertório exclusivamente brasileiro, ressalta a estratégia de *soft power* discutida por Joseph Nye, onde

²⁷ What makes the Royal Edinburgh Military Tattoo so special? ([s.d.]). Edinburghfestivalcity.com. Disponível em < <https://www.edinburghfestivalcity.com/inspiration/140-what-makes-the-royal-edinburgh-military-tattoo-so-special> > Acesso em 31 de jul. 2024.

²⁸ What makes the Royal Edinburgh Military Tattoo so special? ([s.d.]). Edinburghfestivalcity.com. Disponível em < <https://www.edinburghfestivalcity.com/inspiration/140-what-makes-the-royal-edinburgh-military-tattoo-so-special> > Acesso em 31 de jul. 2024.

²⁹ Banda Marcial do Corpo de Fuzileiros Navais no The Royal Edinburgh Military Tattoo, 2011. Youtube. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=6GhOqe2AHbY> > Acesso em 06 de set. 2024.

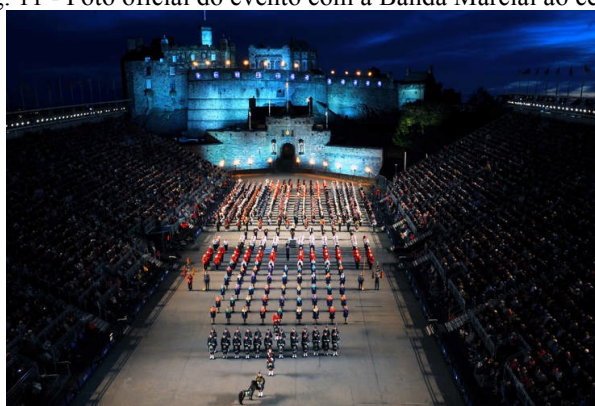
a música, uma forma de expressão cultural profunda, serve como meio de influência e de construção de uma imagem positiva do Brasil no exterior. A escolha de músicas populares brasileiras e a interação dinâmica com o público, especialmente durante a *performance* de "Aquarela do Brasil", reforçam essa abordagem, promovendo a cultura brasileira.

Conforme Silva (2014) e Penedos (2014), a Diplomacia de Defesa abrange mais do que simples acordos militares; ela envolve a projeção de uma imagem nacional que pode facilitar diálogos interculturais e fortalecer relações internacionais. A transmissão global do evento por televisão e a disponibilidade de vídeos online ampliam ainda mais o alcance e o impacto dessas apresentações, posicionando-as como uma ferramenta eficaz de Diplomacia de Defesa em um cenário globalizado.

Dessa maneira, a participação no evento não apenas destaca as habilidades e a disciplina das Forças Armadas brasileiras, mas também demonstra a capacidade do Brasil de engajar-se com a comunidade internacional através de expressões culturais que ressoam universalmente. Este evento serve, portanto, como um exemplo de como as atividades militares podem ser estrategicamente utilizadas para reforçar objetivos de política externa e promover os interesses nacionais numa arena internacional, alinhando-se assim aos objetivos da Diplomacia de Defesa como descritos por Silva (2014, p. 98) e reiterados por Penedos (2014, p. 48).

Em conclusão, o The Royal Edinburgh Military Tattoo é um palco onde a Diplomacia de Defesa é praticada através do *soft power*, com bandas militares atuando como embaixadoras culturais de seus países.

Fig. 11 - Foto oficial do evento com a Banda Marcial ao centro



(Fonte: The Eddinburgh Tattoo Festival³⁰)

3.6 Assinatura do protocolo de intenções do EDGE Group (UAE) com o Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil: Banda Sinfônica

³⁰ The Royal Edinburgh Military Tattoo. ([s.d.]). Royal Edinburgh Military Tattoo. Disponível em: <<https://www.edintattoo.co.uk/our-story/history#decade2010s>> Acesso em 31 de jul. 2024.

Esse evento ocorreu em um contexto de parceria entre o Corpo de Fuzileiros Navais e a Edge Group, com a assinatura de um acordo que visa aprimorar a cooperação em áreas como defesa e tecnologia. O contrato firmado representa um avanço na troca de conhecimentos e no desenvolvimento de capacidades conjuntas, reforçando a importância das relações entre o Brasil e os Emirados Árabes Unidos³¹.

A apresentação, realizado no pátio da Fortaleza de São José da Ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, em 23 de setembro de 2023, contou com aproximadamente 120 espectadores. Dentre os presentes, autoridades militares (Oficiais Gerais da MB e do CFN), o presidente do Edge Group, autoridades civis, como o Embaixador dos Emirados Árabes Unidos e a Chefe da Representação do Itamaraty no Rio de Janeiro, executivos da empresa e demais militares que acompanhavam a delegação estrangeira. A presença dessas autoridades sublinha a importância deste encontro como uma plataforma para reforçar vínculos diplomáticos e destacar a cooperação internacional.

Primeiramente, um dos momentos mais destacados da apresentação foi a execução de uma música representativa dos Emirados Árabes Unidos. A seleção dessa peça musical resultou de uma pesquisa minuciosa, na qual se buscou identificar uma obra que caracterizasse o país. Para isso, foi necessário estabelecer contato telefônico com o consulado dos Emirados Árabes Unidos, que prontamente indicou a música "Hay Bel Shahama". Além disso, o arranjador enfrentou um desafio significativo ao adaptar a obra, devido às diferenças marcantes nos aspectos melódicos e harmônicos em relação à música ocidental. Tal escolha revelou-se acertada, como ficou evidente pela reação entusiasmada do público presente³². A cuidadosa seleção da música "Hay Bel Shahama" evidencia o esforço em assegurar que a comitiva estrangeira se sentisse valorizada e respeitada, uma prática da Diplomacia de Defesa.

Ademais, outro momento marcante foi a interpretação da canção "A Whole New World", realizada em inglês pelas crianças do Programa Forças no Esporte (Profesp) do Batalhão Naval. Apesar de estarem habituadas a cantar em português, as crianças demonstraram grande dedicação para conseguirem expressar a música em inglês para os convidados estrangeiros. A música brasileira também marcou presença, com as obras "Tom

³¹ Padilha, L. (2023, setembro 26). EDGE Assina Contrato de Parceria Estratégica com o Corpo de Fuzileiros Navais do Brasil. Defesa Aérea & Naval. Disponível em < <https://www.defesaareanaval.com.br/defesa/edge-assina-contrato-de-parceria-estrategica-com-o-corpo-de-fuzileiros-navais-do-brasil> > Acesso em 06 de set. 2024.

³² Neste evento a autora deste trabalho esteve presente, como regente da Banda Sinfônica, e pode presenciar tal fato.

Carioca” (pot-pourri de músicas de Tom Jobim) e “Aquarela do Brasil” sendo bastante aplaudidas por todos os presentes.

A escolha das obras internacionais e brasileiras ilustra o emprego estratégico da música como ferramenta de diplomacia cultural. A música, neste contexto, vai além de sua função artística para se tornar também em um elemento de conexão cultural, promovendo uma imagem positiva do Brasil internacionalmente.

Conforme discutido por Penedos (2014), a Diplomacia de Defesa engloba mais que acordos militares, incluindo o intercâmbio cultural como um aspecto necessário para o fortalecimento das capacidades nacionais. A presença de autoridades civis e militares dos dois países durante o evento enfatiza a importância de tais encontros como oportunidades para a cooperação bilateral, onde a cultura e a tecnologia se entrelaçam para fortalecer a parceria estratégica entre os países. Pereira (2021) afirma que as visitas oficiais e o estabelecimento de tratados no campo da Defesa caracterizam a Diplomacia de Defesa por meio desses relacionamentos e influências (Pereira, 2021, p. 24). A música, nesse contexto, é evidenciada, como apresentado no Capítulo I, de forma semelhante, aos acordos firmados nos Jantares de Estado da Casa Branca (Dubois, 2015, p. 2).

Fig. 12 - Apresentação da Banda Sinfônica na Fortaleza de São José em 27/09/2023



(Fonte: Arquivo Pessoal)

3.7 - IV Simpósio do Corpo de Fuzileiros Navais: Banda Sinfônica

Os simpósios do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN), que ocorrem a cada oito anos, são fundamentais para a análise das dinâmicas internas e internacionais que influenciam a Instituição. Eles objetivam a atualização e o planejamento estratégico de longo prazo da

Força. Em 2023, durante o IV Simpósio do CFN com o tema "Os Desafios da Prontidão Operativa em um Mundo em Transformação", houve a presença de nove comitivas militares estrangeiras, cada uma com seus respectivos Comandantes-Gerais³³.

A interação com essas delegações enfatiza a importância dos encontros presenciais para consolidar vínculos internacionais e promover uma compreensão mútua entre as nações. (Pereira, 2021, p. 22). Silva (2014) destaca que essas visitas não apenas facilitam o intercâmbio de ideias e melhores práticas, mas também solidificam alianças estratégicas fundamentais para a segurança coletiva internacional e o desenvolvimento de capacidades de defesa (Silva, 2014, p. 95).

Além dos debates e painéis, o evento "Parada Após o Pôr do Sol", realizado na Fortaleza de São José da Ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, mostrou-se uma plataforma para a prática da Diplomacia de Defesa através da cultura. As performances das Bandas Sinfônica e Marcial do CFN, que incluíram músicas cuidadosamente selecionadas de países das delegações presentes, exemplificam a aplicação de *soft power*, onde a música serve como um elo diplomático, refletindo o respeito e a valorização das diversas culturas (Suppo, 2011, pp. 48-49).

O repertório foi meticulosamente escolhido para representar dignamente cada país presente no simpósio como descrito abaixo:

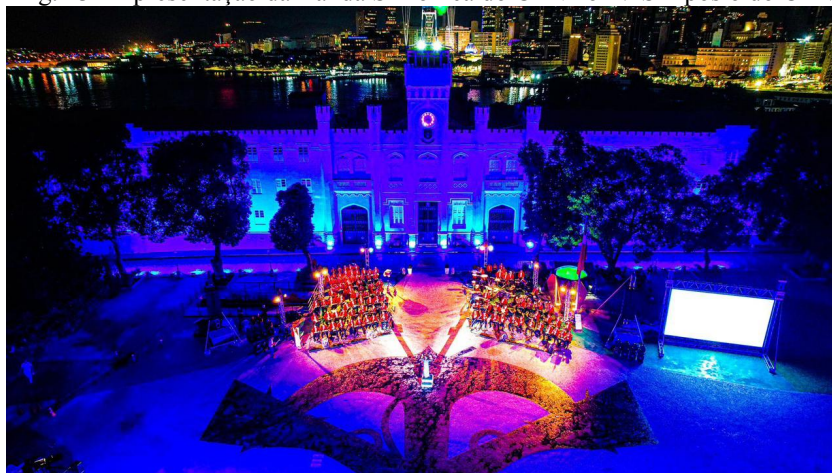
- **Portugal:** "Mar Salgado";
- **França:** "La Vie en Rose";
- **Espanha:** "La Virgen de Macarena";
- **Itália:** "Alì Di Libertà";
- **Argentina:** Tangos "Por uma Cabeza" e "A Media Luz";
- **Estados Unidos:** "Honor from The Pacific";
- **Colômbia:** "Mi Tierra Querida"; e
- **China:** "Flor de Jasmin".

Este espetáculo cultural, enriquecido pela diversidade das músicas escolhidas e pela inclusão de um coral infantil do PROFESP, que performou "Heal the World" de Michael Jackson mesclada com a versão brasileira "A Paz" do grupo Roupas Nova, ilustra como eventos culturais podem complementar discussões formais de segurança e defesa, criando um ambiente propício para a diplomacia e o entendimento mútuo.

³³Fuzileiros Navais da Marinha reúnem autoridades militares de nove países em simpósio internacional. ([s.d.]). Agência Marinha de Notícias. Disponível em: <https://www.agencia.marinha.mil.br/especial/fuzileiros-navais-da-marinha-reunem-autoridades-militares-de-nove-paises-em-simposio> Acesso em 08 de dez. 2024.

Desta forma, o IV Simpósio do CFN não apenas abordou as complexidades do cenário de defesa contemporâneo, mas também utilizou a música e a cultura como ferramentas de *soft power* para aprofundar relações diplomáticas. Conforme discutido por Dubois (2015) nos contextos dos jantares de Estado da Casa Branca, onde a cultura desempenha papel crucial na diplomacia internacional (Dubois, 2015, p. 2).

Fig. 13 - Apresentação da Banda Sinfônica do CFN no IV Simpósio do CFN



(Fonte: Arquivo Pessoal)

3.8 - Comemoração aos 216 anos do Corpo de Fuzileiros Navais – Concerto da Banda Sinfônica do CFN.

Anualmente, o Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) do Brasil celebra seu aniversário com um concerto no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Em 2024, o evento contou com a participação especial da Banda de Música da Nona Brigada de Infantaria de Marinha da França. Esta colaboração musical ocorreu após a participação francesa no lançamento do submarino "Tonelero", do Programa de Desenvolvimento de Submarinos (PROSUB), demonstrando a integração das celebrações culturais e dos compromissos de defesa entre Brasil e França³⁴.

O PROSUB, é uma iniciativa estratégica da Marinha do Brasil em parceria com a França. Este programa tem como objetivos principais a construção de submarinos convencionais e o desenvolvimento do primeiro submarino brasileiro com propulsão nuclear. O PROSUB também engloba a transferência de tecnologia e a capacitação da indústria

³⁴ Bandas dos Fuzileiros Navais do Brasil e da França encantam o público no Theatro Municipal do Rio. Agência Marinha de Notícias. Disponível em <https://www.agencia.marinha.mil.br/educacao-e-cultura/bandas-dos-fuzileiros-navais-do-brasil-e-da-franca-encantam-o-publico-no-theatro> Acesso em 06 de set. 2024.

brasileira para fortalecer a capacidade de defesa nacional, aumentar a autonomia tecnológica do Brasil no setor naval e promover a proteção da "Amazônia Azul"³⁵.

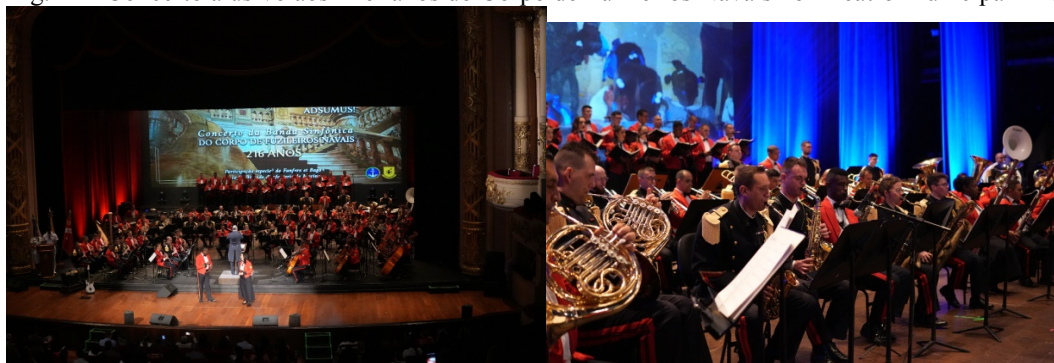
A *performance* conjunta das bandas no Theatro Municipal exemplifica como eventos culturais podem complementar a Diplomacia de Defesa. Conforme Penedos (2014), tal prática envolve a colaboração militar e cultural para fortalecer as relações internacionais (Penedos, 2014, p. 45).

A Banda Francesa executou peças significativas de seu país como "Et Maintenant" e "Medley Aznavour", e conjuntamente com a Banda Sinfônica do CFN as músicas "Hino ao Amor (L'hymne a l'amour)" e "Nessum Dorma". Ocorreu uma extensiva troca cultural entre as bandas e a escolha dessas músicas refletiu a apreciação pelas tradições culturais compartilhadas entre os dois países.

Este encontro musical no Theatro Municipal é um exemplo de como a música pode ser uma ferramenta de Diplomacia de Defesa, promovendo a cooperação internacional além das capacidades militares tradicionais e reforçando os laços diplomáticos através de experiências culturais compartilhadas (Dubois, 2015, p. 2).

A integração das bandas no palco do Theatro Municipal celebrou o compromisso de ambos os países com a segurança internacional e a cooperação, alinhado com os ideais da Política Wxterna e de Defesa do Brasil.

Fig. 14 - Concerto alusivo aos 216º anos do Corpo de Fuzileiros Navais no Theatro Municipal - RJ



(Fonte: Agência Marinha)

3.9 – Coda

Após a finalização da pesquisa, ocorreu um concerto emblemático que uniu os músicos da Banda Sinfônica do CFN e das Forças Armadas da China. O evento, realizado no dia 29 de setembro de 2024, na Sala Cecília Meireles, no Rio de Janeiro, celebrou os 50 anos

³⁵Marinha lança Submarino "Tonelero" ao mar em Itaguaí (RJ). Agência Marinha de Notícias. Disponível em < <https://www.agencia.marinha.mil.br/defesa-naval/marinha-lanca-submarino-tonelero-ao-mar-em-itaguai-rj>> Acesso em 27 de ago. 2024.

de relações diplomáticas entre Brasil e China, reforçando o papel da música como um instrumento estratégico de aproximação cultural e diplomática.

O repertório foi, mais uma vez, cuidadosamente elaborado, incluindo músicas internacionais, brasileiras e chinesas³⁶. Destacaram-se a execução dos hinos nacionais de ambos os países, conferindo um caráter oficial à cerimônia, e a interpretação de músicas brasileiras pelos músicos chineses, assim como de peças chinesas pelos integrantes da Banda Sinfônica do CFN. Esse gesto evidenciou um esforço deliberado de valorização cultural mútua, ressaltando a importância do diálogo entre as nações. Dessa forma, torna-se indispensável, mesmo que superficialmente, incluir tal evento, que tanto dialoga com os princípios da Diplomacia de Defesa e reforça os fundamentos da pesquisa elaborada.

De maneira ampla, a atuação das Bandas Marcial e Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais em eventos internacionais ao longo dos anos ilustra a fusão entre cultura e defesa, evidenciando a música como uma ferramenta estratégica na Diplomacia de Defesa. A análise dos eventos apresentados demonstra que as atuações das bandas transcendem a simples exibição musical, atuando como veículos de projeção internacional da imagem do Brasil e das suas Forças Armadas. Ademais, a seleção cuidadosa dos repertórios, adaptados a cada contexto cultural, e a presença de autoridades civis e militares nas apresentações, destacam a capacidade da música de criar e fortalecer laços diplomáticos, promover o respeito mútuo e fomentar a confiança entre a Instituição e seus convidados. Nessa perspectiva, a cultura brasileira é amplamente difundida, com músicas nacionais sempre presentes nos repertórios. Dessa forma, essas apresentações evidenciaram como a Diplomacia de Defesa pode ser articulada por meio de expressões culturais, integrando-se aos esforços de Política Externa para alcançar os objetivos nacionais.

Embora o uso da música possa ser visto como uma manifestação de *soft power*, é a Diplomacia de Defesa que se destaca como a principal abordagem neste contexto, onde as bandas militares funcionam como embaixadoras culturais e dos valores militares, reforçando o prestígio e a influência do Brasil no cenário internacional. Assim, as atividades culturais realizadas pelas bandas do CFN, integradas às práticas de defesa, não só contribuem para o fortalecimento das relações bilaterais e multilaterais, mas também consolidam a presença do Brasil como um ator relevante e respeitado no cenário internacional.

³⁶ O repertório completo encontra-se no ANEXO E

Gran Finale

Este estudo buscou demonstrar a importância da música como uma ferramenta relevante na Diplomacia de Defesa. Para tanto, se concentrou na análise de caso das atividades desempenhadas pelas Bandas Marcial e Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) da Marinha do Brasil (MB) entre 2004 e 2024. Essas Bandas contribuíram para promover a imagem do Brasil e estreitar as relações internacionais por meio de suas apresentações musicais em diversos eventos, tanto no país quanto no exterior. A análise evidenciou que, além de sua função cultural, as bandas militares surgem como instrumentos de Diplomacia de Defesa, contribuindo para a construção de relações internacionais baseadas em cooperação, respeito mútuo e confiança.

O conceito de Diplomacia de Defesa foi apresentado através da perspectiva de três autores que são referência no tema, com o objetivo de fundamentar o estudo em bases teóricas sólidas. Para contextualizar a inserção da música na Diplomacia de Defesa, foi utilizado o conceito de *soft power*, desenvolvido por Joseph Nye e a importante contribuição de Hugo Suppo para a compreensão do conceito. Um exemplo prático da aplicação musical na diplomacia, que se assemelha ao papel desempenhado pela Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais, é a *performance* da The President's Own United States Marine Band nos Jantares de Estado da Casa Branca.

Para destacar a importância das Bandas Marcial e Sinfônica para a Força, realizou-se um levantamento histórico detalhado através de fontes primárias e secundárias, com foco desde suas origens até o presente, demonstrando a relevância e a capacidade dessas bandas. Em seguida, foi feita a análise dos eventos selecionados, de caráter diplomático-militar, relacionando-os com o conceito de Diplomacia de Defesa.

Foi possível constatar que as apresentações das bandas do CFN, nos eventos analisados, não apenas reforçaram a projeção cultural do Brasil, mas também atuaram como um meio eficaz de promoção da tradição e valores militares contribuindo para alcançar os objetivos da Política Externa brasileira.

Além disso, esta pesquisa destacou o papel da música como uma forma de comunicação que extrapola barreiras culturais e políticas, facilitando o diálogo e o entendimento entre diferentes culturas. As apresentações das bandas do CFN em festivais internacionais, desfiles cívico-militares, cerimônias e acordos bilaterais são exemplos de como a música pode ser utilizada para consolidar a imagem do Brasil como nação capaz de dialogar com outros Estados e de forma pacífica.

Assim, este estudo contribui para uma compreensão mais ampla do papel das Forças Armadas brasileiras no cenário internacional, evidenciando seu potencial para atuar não apenas na defesa da soberania nacional, mas também na promoção de valores que fortalecem as relações entre os povos. Sugere-se que futuras políticas de Diplomacia de Defesa considerem a música como um componente estratégico, ampliando o alcance e o impacto das iniciativas brasileiras no exterior.

Em síntese, a música militar, quando inserida no contexto da Diplomacia de Defesa, reforça a imagem das Forças Armadas como instituições que promovem cooperação, confiança e a paz. As experiências desses últimos vinte anos indicam que o Brasil possui potencial para continuar utilizando suas bandas militares como embaixadoras culturais, contribuindo para a construção de um cenário internacional mais cooperativo e estável.

A Diplomacia de Defesa, conforme discutido ao longo desta monografia, configura-se uma ferramenta da Política Externa brasileira para promover os interesses nacionais, por meio dos agentes civis e militares do Ministério da Defesa de forma não coercitiva. Dado que as bandas militares fazem parte das Forças Armadas, subordinadas ao Ministério da Defesa, indica-se que as bandas militares possam ser exploradas de maneira mais estratégica e constantes como instrumentos de diplomacia. Tal iniciativa não apenas ampliaria a visibilidade e a influência do Brasil no cenário internacional, mas também fortaleceria a imagem das Forças Armadas como promotoras da cultura e dos valores nacionais. Uma possível iniciativa seria o estabelecimento de um calendário regular de apresentações internacionais e o incentivo à intercâmbios com bandas militares de outros países. Tais medidas podem ser entendidas como caminhos a ser explorados para fortalecer ainda mais essa vertente da Diplomacia de Defesa.

Por fim, o papel das Bandas Marcial e Sinfônica do CFN vai além da execução de músicas e da preservação de tradições militares. Elas são verdadeiras ferramentas de diplomacia, capazes de promover os interesses nacionais de maneira sutil e eficaz. O reconhecimento desse papel e sua incorporação em políticas de defesa e relações exteriores representam uma importante contribuição para o Brasil continuar no esforço de se posicionar como um ator relevante e respeitado no cenário internacional.

BIBLIOGRAFIA

1. AMARAL, Ruy Pacheco de Azevedo. O ano do Brasil na França: um modelo de intercâmbio cultural. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.
2. BARKAWI, Tarak. “Defense Diplomacy” in north-south relations. *In: International journal.* Summer 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/985499/Defence_Diplomacy_in_North_South_Relations?email_work_card=view-paper Acesso em 24 de jul. 2024.
3. BINDER, Fernando Pereira. *Bandas Militares no Brasil: difusão e organização entre 1808-1889*. 2006. 3v. Dissertação (Mestrado em Musicologia). Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – UNESP, São Paulo, 2006.
4. BRANCO, José Freitas. Festivalização e Políticas Públicas: Lorient, o FIL e uma leitura lusitana. *In: Revista Antropológicas*, ano 19, 26(2): 215-227, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaantropologicas/article/view/23975/19478> Acesso em 06 de set. 2024.
5. BRASIL. Arquivo Nacional. Coordenação Geral de Processamento e Preservação do Acervo. Fundo Ministério da Guerra (OG): instrumento provisório dos documentos cartográficos Rio de Janeiro: O Arquivo, 2013.
6. BRASIL. Marinha do Brasil. CGCFN – 12: material do Corpo de Fuzileiros Navais. 2008a.
7. BRASIL. Marinha do Brasil. CGCFN – 13: normas gerais do Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. 2008b.
8. BRASIL. Marinha do Brasil. CGCFN – 1002: ordem unida para bandas. 2008c.
9. BRASIL. Marinha do Brasil. CGCFN – 1003: Manual básico do Fuzileiro Naval. 2008d.
10. BRASIL. Marinha do Brasil. EMA – 305: Doutrina Militar Naval. 2017.
11. BRASIL. Ministério da Marinha. Relatório do Ministério dos Negócios da Marinha. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1909.
12. BRASIL. Ministério da Marinha. Relatório do Ministério dos Negócios da Marinha. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, Arsenal de Marinha, 1913.
13. BRASIL. Ministério da Defesa. Ministério da Defesa celebra 23 anos de sua criação. Atualizado em 31 de out. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/justica-e-seguranca/2022/06/ministerio-da-defesa-celebra-23-anos-de-sua-criacao#:~:text=O%20Minist%C3%A9rio%20da%20Defesa%20foi,inser%C3%A7%C3%A3o%20do%20Brasil%20no%20cen%C3%A1rio> Acesso em 24 de jul. 2024.

14. BRASIL MUSICAL. Os Fuzileiros Navais do Brasil e o seu grande conjunto musical. Pág.24-31. Número 14. Rio de Janeiro: abril de 1946.
15. BULL, Hedley. A sociedade anárquica: um estudo da ordem na política mundial. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.
16. CARVALHO, Vinícius Mariano de. História e tradição da música militar. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007. Disponível em: <
https://www.academia.edu/3237765/Hist%C3%B3ria_e_tradi%C3%A7%C3%A3o_da_M%C3%Basica_Militar?sm=b>
17. CARVALHO, Vinícius Mariano de. Observações acerca da música militar na Guerra do Paraguai. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009. Disponível em:
https://www.academia.edu/3237775/Observe%C3%A7%C3%B5es_acerca_da_m%C3%Basica_militar_na_Guerra_do_Paraguai?email_work_card=view-paper Acesso em 07 de jun. 2024.
18. CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS. Combatentes Anfíbios do Brasil. Action Editora, 2008.
19. DUBOIS, Kristin. *Music as Diplomacy: The Marine Band's History of State Dinners*. 22 set. 2015. Marines: The Official Website of The United Marine Corps. Disponível em: <
<https://www.marineband.marines.mil/News/Article/618112/music-as-diplomacy-the-marine-bands-history-of-state-dinners/>> Acesso em 23 fev. 2024.
20. GONZAGA, Renata. A música como ferramenta de poder: a construção do *Soft Power* sul-coreano por meio da indústria musical a partir dos anos 2000. Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Economia e Relações Internacionais. Monografia. 2022. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/243318/Monografia%20-%20Renata%20Gonzaga%20%28ajuste%20final%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
Acesso em 11 de set. 2024.
21. LIMA, Maria Regina Soares de. Diplomacia, defesa e a definição política dos objetivos internacionais: o caso brasileiro. In: JOBIM, Nelson A., ETCHEGOYEN, Sergio W. e ALSINA, João Paulo (Org.) Segurança Internacional: perspectivas brasileiras. RJ, Ed. FGV, 2010, pp. 401-418.
22. MENDONÇA, Ana Waley (Org). Metodologia para estudo de caso: livro didático. Palhoça: UnisulVirtual, 2014.
23. MARQUES, Anthéro José. Livro Histórico do Corpo de Fuzileiros Navais. Ministério da Marinha, 1940.
24. NYE JR., Joseph S. *Soft Power: The Means To Success in World in World Politics*. New York, Public Affairs, 2004. Edição Kindle.

25. PAIÃO, Cristiane. Ciência, música e sociedade: relações mais intrínsecas do que imaginamos. Universidade Estadual de Campinas – UniCamp. Revista ComCiência, nº116. Campinas, SP, 2010. Disponível em: http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542010000200006&lng=es&nrm=isso Acesso em 11 de set. 2024.

26. PENEDOS, Maria do Rosário Valente da Silva Simões dos. Diplomacia de Defesa: o diálogo da força ou a força do diálogo? 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa: Lisboa, 2014. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/14913/1/Diplomacia%20de%20Defesa.pdf> Acesso em 21 fev. 2024.

27. PEREIRA, Eduardo de Souza. Diplomacia de Defesa: ferramenta de Política Externa. In: *Cadernos de Estudos Estratégicos*. Escola Superior de Guerra. Centro de Estudos Estratégicos Marechal Cordeiro de Farias. Rio de Janeiro, n. 2, p. 20-27, set. 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/108321041/DIPLOMACIA_DE_DEFESA_FERRAME_NTA_DE_POL%C3%8DTICA_EXTERNA Acesso em 25 fev. 2024

28. REVISTA MARÍTIMA BRASILEIRA (RMB). Serviço de Documentação Geral da Marinha: Rio de Janeiro. V. 103, nºs 10/12, out./dez. 1983.

29. REVISTA MARÍTIMA BRASILEIRA (RMB). Serviço de Documentação da Marinha: Rio de Janeiro. V.120, nºs 1/3, jan./mar. 2000.

30. REVISTA MARÍTIMA BRASILEIRA (RMB). Homenagem às bandas de música do CFN. Serviço de Documentação da Marinha: Rio de Janeiro. V.121, nºs 7/9, jul./set. 2001.

31. ROSA, Sidney da Costa. Bandas de música e marcial do CFN. In: O Eterno Batalhão Naval. Edição especial: Nau Capitânia 70 anos (1950-2020). Batalhão Naval, ano 01, nº 02, dez. 2020.

32. SANTOS, Anderson de Rieti Santa Clara dos. A música da Armada Brasileira no final do século XIX: dos quartéis aos navios em comissão. In: Revista Navigator - Dossiê Interfaces da arte no universo da história marítima e militar: estética, linguagens e representações. V.15 n.29 (2019) pp.128-135. Disponível em: < <https://www.portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/navigator/article/view/370/349> > Acesso em: 23 jul. 2024.

33. SILVA, Antonio Ruy de Almeida. A Diplomacia de Defesa na política internacional. In: *Revista da Escola de Guerra Naval*. Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 179-202, jul./dez. 2015. Disponível

em: <https://www.portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/revistadaegn/article/view/4548> Acesso em 19 fev. 2024.

34. SILVA, Antonio Ruy de Almeida. A Diplomacia de Defesa na Sociedade Internacional. 2014. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio: Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/24563/24563.PDF> > Acesso em 24 fev. 2024

35. Strategic Defence Review (SDR) UK 1998. Disponível em: < <https://researchbriefings.files.parliament.uk/documents/RP98-91/RP98-91.pdf> > Acesso em 01 jul. 2024.

36. SUPPO, Hugo R. A importância do chamado *soft power* no paradigma realista clássico. Universidade Estadual do Rio de Janeiro: Mural Internacional, Ano II, nº 2, dezembro, 2011. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/muralinternacional/article/view/5837/4239> > Acesso em 03 de set. 2024.

ANEXO A

Compilado de dados sobre o quantitativo de músicos e corneteiros e tambores no período de 1821 a 1942, a partir do Livro Histórico do CFN, Anthero Marques (1941).

Ano	Denominação	Fração	Componentes	Páginas
1821	Corpo de Marinheiros Fuzileiros	Banda de Pífanos	20	12
1821	Corpo de Marinheiros Fuzileiros	Banda de Trombetas	40	12
1821	Corpo de Marinheiros Fuzileiros	Banda de Música	90	12
1822	Corpo de Artilharia de Marinha	Corneteiros e pífanos	36	13
1822	Corpo de Artilharia de Marinha	Músicos	38	13
1847	Corpo de Fuzileiros Navais	Corneteiros	20	21
1847	Corpo de Fuzileiros Navais	Tambores	10	21
1847	Corpo de Fuzileiros Navais	Músicos	39	21
1852	Batalhão Naval	Corneteiros	34	22
1852	Batalhão Naval	Tambores	24	22
1852	Batalhão Naval	Músicos	38	22
1864	Batalhão Naval	Corneteiros e Pífanos	34	27
1864	Batalhão Naval	Tambores	24	27
1864	Batalhão Naval	Músicos	38	27
1871	Batalhão Naval	Corneteiros	27	51
1871	Batalhão Naval	Tambores	18	51
1871	Batalhão Naval	Músicos	30	51
1889	Batalhão Naval	Corneteiros	18	55
1889	Batalhão Naval	Tambores	9	55
1889	Batalhão Naval	Músicos	30	55
1890	Batalhão Naval	Corneteiros	14	56
1890	Batalhão Naval	Tambores	10	56
1890	Batalhão Naval	Músicos	30	56
1895	Corpo de Infantaria de Marinha	Músicos	30	59
1895	Corpo de Infantaria de Marinha	Corneteiros e tambores	16	59
1908	Batalhão Naval	Músicos	30	67
1908	Batalhão Naval	Corneteiros	18	67
1908	Batalhão Naval	Tambores	18	67
1912	Batalhão Naval	Músicos	15	70
1912	Batalhão Naval	Corneteiros	2	70
1912	Batalhão Naval	Tambores	1	70
1924	Regimento Naval	Músicos	42	73
1924	Regimento Naval	Corneteiros	22	73
1924	Regimento Naval	Tambores	22	73
1932	Corpo de Fuzileiros Navais	Músicos	259	75
1932	Corpo de Fuzileiros Navais	Corneteiros	200	75
1932	Corpo de Fuzileiros Navais	Tambores	51	75
1939	Corpo de Fuzileiros Navais	Músicos	296	108
1939	Corpo de Fuzileiros Navais	Corneteiros e Tambores	278	109
1942	Corpo de Fuzileiros Navais	Músicos	301	117
1942	Corpo de Fuzileiros Navais	Corneteiros e Tambores	281	117

ANEXO B

Programa referente ao Concerto da Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais no Theatro Municipal do Rio de Janeiro em 25 de março de 2008.



Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais

No dia 7 de março de 1808, aportaram no Rio de Janeiro os navios que traziam a Família Real e as cortes lusas. A Brigada Real da Marinha, origem dos atuais Fuzileiros Navais, logo desembarcou, acompanhando a corte, realizou um desfile, tendo à frente suas bandas de música e marcial, trajando uniformes vistosos e executando dobrados vibrantes. A população aplaudiu encantada, confirmando o pensamento de Napoleão Bonaparte: "coloque uma banda na rua e o povo a seguirá, para a festa ou para a guerra".

A música marcial é a inspiração de todas as Bandas de Música do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN). A Banda Sinfônica do CFN é composta por noventa músicos-militares nas graduações de Suboficiais e Sargentos, com formação e aperfeiçoamento realizados na Escola de Formação de Sargentos do CFN, criada na década dos 70, pertence à estrutura do Batalhão Naval, unidade estabelecida na Fortaleza de São José da Ilha das Cobras, no centro da cidade do Rio de Janeiro, que os Fuzileiros Navais ocupam desde 1809.

Desde então, suas emocionantes apresentações vêm contribuindo para a divulgação do Corpo de Fuzileiros Navais e da Marinha do Brasil. Em 1996, a Banda Sinfônica do CFN apresentou o Brasil no "V Festival Internacional de Bandas Militares", realizado em Modena, na Itália. Em julho de 2004, apresentou-se em Puerto Iguazú (Argentina) dentro da programação do Festival Internacional de Cultura das Três Fronteiras, à convite do Ministério da Cultura, evento promovido pelos Governos do Brasil, Paraguai e Argentina.

Canção do Marinheiro (Cisne Branco)

Música: Antônio Manoel do Espírito Santo
Letra: 2º Ten (Ref) Benedito Xavier de Macedo

Qual cisne branco que em noite de lua,
Vai deslizando num lago azul,
O meu navio também flutua
Nos verdes mares de norte a sul.

Linda galera que em noite apagada,
Vai navegando num mar imenso,
Nos traz saudades da terra amada,
Da Pátria minha em que tanto penso.

Qual linda garça que aí vai cruzando os ares
Vai navegando sob um belo céu de anil,
Minha galera também vai cruzando os mares,
Os verdes mares, os mares verdes do Brasil.

Quanta alegria nos traz a volta
A nossa Pátria do coração!
Dada por linda nossa derrota,
Temos cumprido nossa missão!

Linda galera que em noite apagada,
Vai navegando num mar imenso,
Nos traz saudades da terra amada,
Da Pátria minha em que tanto penso.

Viva, viva, viva a MARINHA!
Viva a MARINHA DO BRASIL.

Concerto da Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais

Comemoração do Bicentenário do Corpo de Fuzileiros Navais e do Judiciário Independente no Brasil

Primeira Parte

SUÍTE NORDESTINA

José Unzueta da Silva

Arranjo: Duda

AMAZING GRACE

William Cowper / John Newton

Arranjo: John Admonson / Participação: Galias de Fole do CFN

NESSUN DORMA (Turandot)

Giacomo Puccini

Arranjo: Ten. Jefferson / Interpretação: SG Samuel Alves e Coro do CFN

SPENTE LE STELLE

Gastone Di Murta / Marie Ange Chapelin / Jean Patrick Casadeville

Arranjo: SG Almeida - Interpretação: Teima da Costa e Coro do CFN

CONCERTO PARA PIANO E ORQUESTRA EM LA MENOR (1º Movimento)

Edward Grieg

Arranjo: D. F. Bain - Solista: SG Jonas Dantas

ODE À ALEGRIA (9ª Sinfonia)

Ludwig Van Beethoven

Arranjo: SG Almeida

Participação: SG Patrícia Monção, SG Jonas Dantas (piano), Galias de Fole e Coro do CFN

Segunda Parte

PASSO DOBLE - IV MOVIMENTO DA SUÍTE LATINO-MEXICANA

Alfred Reed

M'APPARI TUTT'AMOR (3º Atto da Ópera Martha)

F. Flotow

Arranjo: SG Almeida - Interpretação: SG Samuel Alves

BACHIANAS BRASILEIRAS Nº 5 - CANTILENA

Heitor Villa Lobos

Interpretação: SG Patrícia Monção

BOLERO

Maurice Ravel

Arranjo: Frank Erickson - Participação: Carlos Nogueira

THE LAST OF THE MOHICANS (O Último dos Moicanos)

Trevor Jones / Randy Edelman

Arranjo: SG Feilosa - Participação: Carlos Nogueira, Galias de Fole e Coro do CFN

ASA BRANCA

Humberto Ribeiro / Lulu Gonzaga

Arranjo: Rogério Alves Pissaca - Participação: Carlos Nogueira

COMO UMA ONDA

Lulu Santos / Nelson Motta

Arranjo: SG Feilosa - Interpretação: Lulu Santos

DESCOBRIDOR DOS SETE MARES

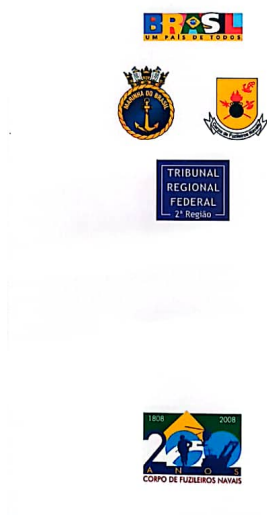
Michel / Gibson Mendonça

Adaptação: SG Almeida - Interpretação: Lulu Santos

REGENTE: CT (AFN) Marcos Leão Rabello

REGENTES CONVIDADOS: CMG (AFN-RM1) Antônio de Almeida Tolles,

CC (T) Nívio da Silva Ferreira CC (T-RM1) Paulo Vieira da Costa e SG (FN-MU) Paulo Gonçalves



(Fonte: Arquivo musical da Companhia de Bandas do Batalhão Naval)

ANEXO C

Programa referente ao Concerto da Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais no Theatro Municipal do Rio de Janeiro em 26 e 27 de março de 2024.

em 1974, o 5º Festival Internacional de Bandas Militares em Modena (Itália) em 1996, o 1º Festival Internacional da Cultura da Tríplice Fronteira em Puerto Iguazu (Argentina) em 2004, o ano do Brasil na França em 2005 (França) e nas comemorações dos 60 anos de independência de Israel em 2008 (Israel). Já no Brasil, ocorrem inúmeras apresentações das bandas em diversas capitais e, anualmente, por ocasião do aniversário do CFN, a Banda Sinfônica se apresenta em noite de gala no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Dessa forma, a boa música é difundida positivamente para o País, alcança diversos setores sociais, possibilita o acesso à cultura e enaltece o nome da Marinha do Brasil.

No repertório deste ano, a Banda executará peças típicas das regiões brasileiras. Haverá participação especial de cantores famosos e artistas convidados para fazer do concerto musical uma apresentação imperdível e inesquecível. O tema do concerto é: Um encanto em cada canto. **ADSUMUS!** No repertório, ouviremos clássicos eruditos e populares, contemplando obras nacionais e estrangeiras, em mais de uma língua.

2024

UM ENCANTO EM CADA CANTO
ADSUMUS!

216 ANOS

Participação especial da *Fanfare et Bagad de la 9e Brigade d'Infanterie de Marine*

BANDA SINFÔNICA DO CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS

A história da Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais começa com a primeira Banda de Música da Marinha, que surgiu oficialmente em 1872, com origem na música marcial. Em 1965, foi denominada Banda de Concerto do Corpo de Fuzileiros Navais e, em 1974, durante um concerto em comemoração ao 166º aniversário do Corpo de Fuzileiros Navais, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, recebeu o nome de Banda Sinfônica do CFN, sua denominação atual. Hoje, a Banda Sinfônica possui um vasto repertório, com os mais variados gêneros musicais, os quais se estendem do erudito ao popular.

Atualmente é constituída por cerca de 98 componentes, todos Fuzileiros Navais, homens e mulheres músicos concursados, servindo na Companhia de Bandas do Batalhão Naval, localizada na histórica Fortaleza de São José da Ilha das Cobras, no Centro do Rio de Janeiro, construída em 1736. Há instrumentos de percussão variados, de sopro, de cordas e de palhetas, que fazem da Banda Sinfônica um grupo único, capaz de executar de peças eruditas a clássicos populares, com arranjos de extrema qualidade e de alto grau de complexidade de execução musical. A Banda se faz acompanhar de um coro de cerca de 25 outros músicos e de cantores solistas altamente qualificados e de timbres de voz singulares.

Cabe destacar, dentre as apresentações no exterior, o concerto sinfônico para S.M. a Rainha Elizabeth II no Palácio de Buckingham (Inglaterra) em 1952, o concurso de bandas realizado na cidade de Hamburgo (Alemanha)

PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS:

Paulinho Mocidade

Ito Melodia

Mona Villard

Fanfare et Bagad de la 9e Brigade d'Infanterie de Marine

Mestre Vinícius de Carvalho

Pinduca

ABERTURA

ÓPERA CARMEM
Compositor: Georges Bizet
Transcrição: Fernando Miranda

1ª PARTE

CLÁSSICOS GAÚCHOS
Arranjador: Leandro Setefim
Revisão, Adaptação e Adicionais: 1º SG (FN-MU) Gilson Santos

ASA BRANCA
Compositor: Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira
Arranjador: Rogério A. Passa
Participação: Caíats de Fole

MARACATU DO CHICO REI
Compositor: Francisco Mignone
Transcrição: SO DMI (FN-MU) Paulo C. Gonçalves

ORIENT Y OCCIDENT
Compositor: Camille Saint-Saëns

ET MAINTENANT
Compositor: Gilbert Becaud

MEDLEY AZNAVOUR
Compositores: Charles Aznavour e Liza Minnelli

HINO DO AMOR
Compositor: Edith Piaf e Marguerite Maréchal
Arranjador: SO RMI (FN-MU) Marcos Luiz Mendes Feitosa
Interpretação: SO RMI (FN-CT) Samuel Alves e 2º SG (FN-MU) Fernanda Gualberto

NESSUN DORMA
Compositor: Giacomo Puccini
Arranjador: Jefferson Chagas
Interpretação: SO RMI (FN-CT) Samuel Alves

2ª PARTE

SOU UM ARTISTA DE UM MUNDO SOLITÁRIO
Compositor: Ito Melodia
Arranjador: SO RMI (FN-MU) Paulo C. Gonçalves
Interpretação: Ito Melodia

WE ARE THE WORLD
Compositor: Michael Jackson

Adaptação: 1º SG (FN-MU) Elias campos
Interpretação: Coro PROFESP

ANUNCIAÇÃO
Compositor: Alceu Valença
Arranjador: 1º SG (FN-MU) Gilson Santos
Interpretação: Coro PROFESP

GAROTA DO TACACÁ
Compositor: Pinduca
Arranjador: 1º SG (FN-MU) Gilson Santos
Interpretação: Pinduca

NUVEM DE LÁGRIMAS
Compositor: Paulo Debetto
Arranjador: 2º SG (FN-MU) Gessé Souza
Interpretação: 3º SG (FN-MU) Laís Souza

EVIDÊNCIAS
Compositores: Paulo Sérgio Valle e José Augusto
Arranjador: 1º SG (FN-MU) Gilson Santos
Interpretação: 2º SG (FN-MU) Lucas Wesley

SE QUERES SABER
Compositor: José Fernandes de Paula
Arranjador: Alexandre Caldi
Transcrição: SO RMI (FN-MU) Paulo C. Gonçalves

RECEISENAMENTO
Compositor: Alas Valente
Arranjador: 2º SG (FN-MU) Gessé Souza
Interpretação: Mona Villard

É HOJE
Compositor: Didi Mestrinho
Arranjador: SO RMI (FN-MU) Paulo C. Gonçalves
Interpretação: Ito Melodia

SONHAR NÃO CUSTA NADA
Compositor: Paulinho Mocidade
Arranjador: 1º SG (FN-MU) Gilson Santos
Interpretação: Paulinho Mocidade

DO SEU LADO
Compositor: Nando Reis
Arranjador: Ademir Junior
Interpretação: 3º SG (FN-MU) Lucas Wesley e 3º SG (FN-MU) Laís Souza / Participação Guitarra: SO (FN-MU) Ruhan

MAREIA
Compositor: Antônio Cicero e Paulo Machado
Arranjador: 2º SG (FN-MU) Gessé Souza
Interpretação: 3º SG (FN-MU) Fernanda Gualberto e 3º SG (FN-MU) Sara Pereira

CANÇÃO "CISNE BRANCO"
Letra SG MB Benedito Xavier de Macedo
Música 1SG EB Antonino Manuel do Espírito Santo

Qual cisne branco que em noite de lua
Vai deslizando num lago azul,
O meu navio também flutua
Nos verdes mares de Norte a Sul

Linda galera que em noite apagada
Vai navegando num mar imenso
Nos traz saudades da terra amada
Da pátria minha em que tanto penso

Qual linda garça que aí vai cruzando os ares
Vai navegando
Sob um belo céu de anil

Minha galera
Também vai cruzando os mares
Os verdes mares,
Os mares verdes do Brasil

Quanta alegria nos traz a volta
A nossa Pátria do coração
Dada por finda a derrota
Temos cumprido nossa missão.

Linda galera que em noite apagada
Vai navegando num mar imenso
Nos traz saudades da terra amada
Da pátria minha em que tanto penso

(Fonte: Comunicação social do Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais)

ANEXO D

Repertório completo das apresentações da Banda Sinfônica do CFN analisadas no capítulo III

Repertório do 1º Festival Internacional da Cultura das Três Fronteiras:

1. Carmina Burana – Carl Orff
 2. Brazilian Festival (pot-pouri de músicas de Tom Jobim) – Howard Cable
 3. Emoções – Roberto Carlos/Erasmus Carlos
 4. Maria, Maria – Milton Nascimento
 5. Tangos (Por uma cabeça/ A media luz) – Carlos Gardel/Alfredo Le Pera/Edgardo Donato
 6. Índia – José Asunción Flores/Manuel Ortiz Guerrero
 7. To Love – Buzz Cason/Steve Gibb
 8. Coração do Agreste – Moacyr Silva/Aldir Blanc
 9. Caruso – Lucio Dalla
 10. Highland Cathedral – Ulrich Roeber and Michael Korb
 11. Ode à Alegria (9ª Sinfonia) – L.V. Beethoven
 12. Dança do Chico Rei e da Rainha Ginga (Maracatu do Chico Rei) – Francisco Mingnone
 13. Amigos para Siempre (Friends Forever) – Andrew Lloyd Webber/Don Black
 14. Il Trovatore (La Gitana) – Giuseppe Verdi
 15. Funiculi-Funiculà – Luigi Denza
 16. Aquarela do Brasil – Ary Barroso
- Bis:
17. O Sole Mio – Eduardo Di Cápuia/Alfredo Mazzucchi
 18. Cisne Branco – Antonio Manoel do Espírito Santo.

(Fonte: Arquivo Musical da Companhia de Bandas do Batalhão Naval)

Repertório das Comemorações do sexagésimo aniversário de Israel:

1. Hino Nacional de Israel – “Hatikvah”
2. Israel Defense Force (IDF) March
3. Shalom Alecheim March
4. Yerushalaim shel Zarav
5. Eretz Eretz Eretz
6. Dobrado Barão do Rio Branco
7. Fibra de Herói
8. Aquarela do Brasil
9. Cisne Branco.

(Fonte: SO-FN-MU Eliab, comunicação oral)

Repertório do evento relacionado a assinatura do protocolo de intenções do EDGE Group (UAE) com o Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil:

1. Tom Carioca (pot-pourri de músicas de Tom Jobim)
2. Hay Bel Shahama – Mohamed Al Ahmed
3. Amigos para Siempre – Andrew Lloyd Webber
4. A Whole New World (Aladdin) - Alan Menken e Tim Rice

5. Aquarela do Brasil – Ary Barroso.

(Fonte: Arquivo Musical da Companhia de Bandas do Batalhão Naval)

Repertório IV Simpósio do Corpo de Fuzileiros Navais:

1. Mar Salgado – (Portugal)

2. La Vie en Rose – Edith Piaf/Louiguy (França)

3. La Virgen de Macarena – Bernardino Monterde/Antonio Ortiz Calero (Espanha)

4. Ali Di Libertá – Davide Esposito (Itália)

5. Tangos (Por uma Cabeza/A media Luz) – Carlos Gardel/Alfredo Le Pera/Edgardo Donato (Argentina)

6. Honor from The Pacific – Hans Zimmer (EUA)

7. Light Cavalry – Fraz Von Suppé

8. Mi Tierra Querida – Lucho Bermudez (Colômbia)

9. Flor de Jasmin – Li Wenping (China)

10. Coisa Mais Linda (pot-pourri de Bossa Nova)

11. A Paz/Heal the World – Michael Jackson (versão brasileira: Roupa Nova)

12. Isto aqui o que é? - Ary Barroso

13. Aquarela do Brasil/Cidade Maravilhosa – Ary Barroso/André Filho.

(Fonte: Arquivo Musical da Companhia de Bandas do Batalhão Naval)

ANEXO E


**MARINHA
DO BRASIL**


Corpo de Fuzileiros Navais

50 ANOS

RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS

BRASIL - CHINA

CONCERTO DA
BANDA SINFÔNICA DO CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS
E DA BANDA DAS FORÇAS ARMADAS DA CHINA

2024
SETEMBRO
SALA CECÍLIA MEIRELES



FHE **POUPEX**  **NUCLEP**
NUCLEP PARTICIPACIONES FINANCIERAS S.A.

ABERTURA**HINO NACIONAL DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA**

Letra: Tian Han

Música: Nie Er

HINO NACIONAL DO BRASIL

Letra : Joaquim Osório Duque-Estrada

Música: Francisco Manuel da Silva

REGENTE:

Capitão de Corveta Nérias Oliveira Morel

CANDIDE ABERTURA

Compositor : Leonard Bernstein

ABERTURA: O GUARANI

Compositor : Carlos Gomes

ISTO AQUI O QUE É

Compositor : Ary Barroso

Interpretação: SG-FN-MU Fernanda Gualberto

Participação: Coro do Corpo de Fuzileiros Navais

THE PRAYER

Compositor : David Foster, Carole Sager e Tony Renis

Interpretação: SO-FN-CT Samuel Alves
e SG-FN-MU Laís Souza**ODE À PÁTRIA**

Compositor: Wang Shen

EU E A MINHA PÁTRIA

Compositor: Qin Yuncheng

Banda das Forças Armadas da China

QUANDO O DIA CHEGAR

Compositor: Wang Luming

Banda das Forças Armadas da China

DANÇAR À LUZ DA LUA

Compositor: Wang Hesheng

Banda das Forças Armadas da China

SOM DO CÉU

Compositor: Xu Jingqing

Banda das Forças Armadas da China

GAROTA DO MONTE ALI

Compositor: Li Xuhao

Banda das Forças Armadas da China

REGENTE:

Capitão-Tenente Alexsandro Bandeira de Souza

TOM CARIOCA

Compositor: Tom Jobim

Interpretação : SG-FN-MU Patrícia Monção,
SG-FN-MU Fernanda Gualberto e SG-FN-MU Laís Souza

UM MUNDO IDEAL

Interpretação: SG-FN-MU Laís Souza

Participação: Alunos do PROFESP Música e Cidadania

ANOTHER BRICK IN THE WALL / DO SEU LADO

Interpretação: SG-FN-MU Rodrigo Ribeiro e SG-FN-MU Laís Souza

PERFECT SYMPHONY

Interpretação: SO-FN-CT Samuel Alves
e SG-FN-MU Fernanda Gualberto

TITANIC DRUMS

Compositor: Mark Wilson

Participação: Gaitas de Fole da Banda Marcial do CFN,
Solo de Caixa dos Percussionistas da Banda Sinfônica do CFN e
Coro da Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais

FLOR DE JASMIN

Homenagem da Marinha do Brasil para as Forças Armadas da China

AQUARELA DO BRASIL

Compositor: Ary Barroso

Interpretação: SO-FN Samuel Alves, SG-FN Patrícia Monção, SG-FN Fernanda
Gualberto, SG-FN Laís Souza e SG-FN Rodrigo Ribeiro

Participação: Coro da Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais

CISNE BRANCO

Letra: Benedito Xavier de Macedo

Música: Antonino Manuel do Espírito Santo

CANÇÃO “CISNE BRANCO”

Letra: Benedito Xavier de Macedo

Música: Antonino Manuel do Espírito Santo

Qual cisne branco que em noite de lua
Vai deslizando num lago azul,
O meu navio também flutua
Nos verdes mares de Norte a Sul

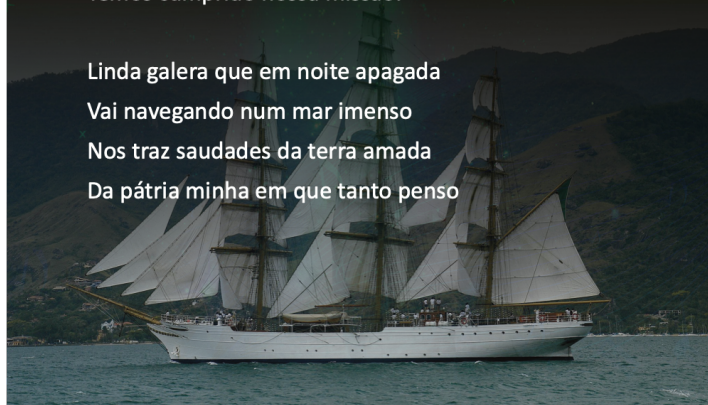
Linda galera que em noite apagada
Vai navegando num mar imenso
Nos traz saudades da terra amada
Da pátria minha em que tanto penso

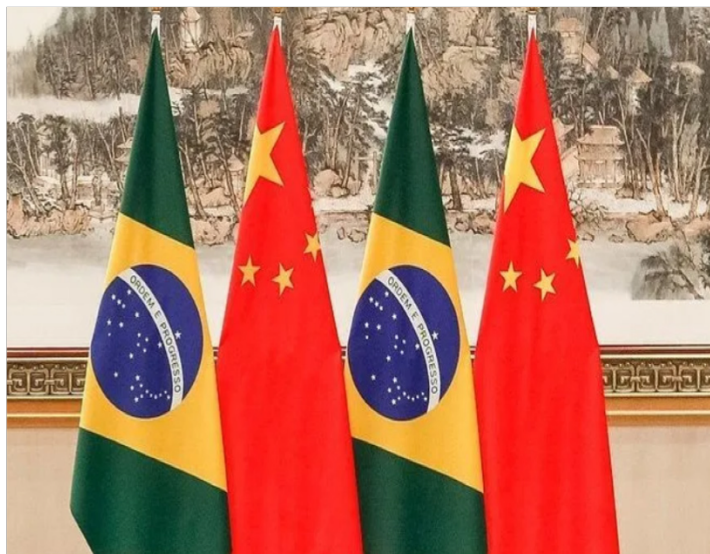
Qual linda garça que aí vai cruzando os ares
Vai navegando
Sob um belo céu de anil

Minha galera
Também vai cruzando os mares
Os verdes mares,
Os mares verdes do Brasil

Quanta alegria nos traz a volta
À nossa Pátria do coração
Dada por finda a derrota
Temos cumprido nossa missão.

Linda galera que em noite apagada
Vai navegando num mar imenso
Nos traz saudades da terra amada
Da pátria minha em que tanto penso





FHE **POUPEX**

